

LEONARDO CONTRA PARIS

LEONARDO CONTRA PARIS

MÁRCIO-ANDRÉ

Rio de Janeiro
2016



© 2016 Márcio-André

Coleção *Os Contemporâneos*

Coordenação editorial

Karla Melo

Pedro Moura

Ronaldo Ferrito

Victor Paes

Projeto gráfico e capa

Alemterra Graphic Designs

Imagem da capa

The linen which dries, de Laurent Chebere

Revisão

Victor Paes

Agradecimentos

Viktória Váci, Aderaldo Luciano, Alysso Lisboa, Elida Fernandes, Eliza Muto, Fábio Almeida, Guilherme Somensato, Igor Graciano, Ivan Albuquerque, João Miguel Henriques, Maria Clara Carneiro.

Márcio-André

Leonardo contra Paris / Márcio-André

Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016.

128 p.: 120 x 180 mm

Coleção Os Contemporâneos

ISBN 978-85-5532-023-1

1. Novela brasileira. I. Título.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-32

CONFRARIA DO VENTO

Av. Treze de Maio, 13/2010

Cinelândia - Rio de Janeiro/RJ 20031-007

Telefax: (21) 2533-3587/3936-3940

www.confrariadovento.com

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Duas noites antes de pegar o avião para Paris, aconteceu a festa. Quase duzentas pessoas encheram a cobertura no Leblon. Algumas Leonardo Pontevreda sequer esperava. Apareceram pessoas que não via há anos e outras com quem só tinha contato pelo Facebook. Houve até um princípio de orgia, como presente de despedida das amigas, que poderia ter ido adiante se não estivesse tão chapado de coca, cuba libres e inúmeros louvores ao seu talento. Louvações tão entusiasmadas, aliás, que elevavam o mérito de ter sido convidado a lecionar na Sorbonne ao nível de dever moral do governo francês. Pela manhã, tentou descansar um pouco, mas seu quarto já tinha sido escolhido por um grupo de poetas para um sarau improvisado. Trouxeram instrumentos e amplificadores e a festa recomeçou.

No segundo dia de ressaca, recuperava-se na espreguiçadeira diante da piscina coberta por latas de cerveja e camisinhas flutuantes, quando César, o melhor amigo na ocasião, apareceu para levá-lo ao aeroporto. Diante da entrada do Terminal 2 do Galeão, Leonardo

pediu a César para não descer do carro porque detestava despedidas. Trocaram promessas de mandar notícias, abraçaram-se e, quando o carro de César desapareceu de vista, Leonardo tomou o primeiro táxi livre. Sequer entrou no aeroporto. Não existia o tal voo, não existia o tal convite para lecionar na Sorbonne, não existia temporada em Paris. O que existia era o sobrado na rua Assia Tanus Bedran, nº 98, no Centro de São João de Meriti. Ali Leonardo viveria pelos próximos anos de sua vida.

2

O sobrado geminado estava em uma das esquinas mais movimentadas do município na baixada fluminense. Seção de um edifício maior, resistia com sua arquitetura vagamente art déco ao bairro já descaracterizado, espremido entre construções sem estilo certo, lojas de roupas baratas, pastelarias engorduradas, fios embolados nos postes sobre pedestres cruzando-se aos milhares e um trânsito infernal. O apartamento dividia-se em quarto, sala, cozinha, banheiro e uma varanda incrivelmente cagada por pombos com vista privilegiada para a distopia urbana à frente. Os móveis de madeira escura permaneciam conservados apesar de rançosos de tão sem uso, ao contrário das paredes verdes-musgo, maceradas de umidade e bolor.

Esse imóvel, adquirido há sessenta anos pelo avô, morto há quarenta, foi a única herança recebida por Leonardo quando a mãe também se foi. Ela nunca havia

voltado a morar ali depois de ter saído de casa – dizia ser um lugar maléfico –, mas manteve o apartamento relativamente conservado e o alugou algumas poucas vezes a parentes distantes, tendo ficado o lugar mais tempo fechado que aberto durante os anos. Nunca o vendeu para o filho ter algo no futuro. Leonardo, também, nunca se interessou pelo lugar, sequer por alugá-lo e, até aquele momento, em que se converteu em salvação momentânea, jamais tinha imaginado viver ali. Por sorte, guardou consigo a chave e o registro de propriedade, encontrados anos antes entre as coisas da mãe.

Abriu as janelas para diluir o cheiro de mofo no cheiro da rua e deixar banhar de sol as partes escuras das paredes para descobrir que a escuridão já havia se apegado a elas. Desligou o celular e guardou no criado-mudo. Não precisaria de telefone por um longo período, mas deveria conseguir internet. No dia seguinte resolveria o assunto. Naquela noite tratou de sonhar que Meriti era outro país.

3

No primeiro dia da nova vida, saltou da cama ainda na primeira luz e foi à padaria ao lado tomar café e ver como o bairro quase deserto àquela hora era subitamente soterrado por uma avalanche de trabalhadores.

Requisitadas as reinstalações de eletricidade e água e solicitada a internet, comprou no supermercado pão, enlatados, banana, macarrão, vinho e o que resistisse fora da

antiga geladeira Prosdócimo, cujo aspecto dizia para não contar com ela quando a luz fosse restabelecida. Também comprou material de limpeza e jogos de cama e banho.

Pela tarde, fez uma caminhada de reconhecimento pelas redondezas, na qual incluía a Pavuna, último bairro carioca antes de se chegar a Meriti, distante apenas quatrocentos metros do sobrado. Atravessou a linha do trem, observou o comércio de camelôs na Av. Nossa Senhora das Graças, cruzou o valão divisor dos dois municípios – chamado oficialmente de rio Pavuna –, detendo-se no terminal para soletrar os estranhos destinos estampados nas frentes dos ônibus, comeu uma oferta do McDonald's e foi conhecer o maior ponto turístico da região, a estação de metrô, onde gastou algum tempo analisando o mapa das conexões.

Do terminal onde se encontrava, uma linha era traçada até a praça General Osório, ponto mais próximo daquele apartamento que tinha ocupado até o dia anterior. Não parecia muito longe visto assim no mapa e ele não tinha se dado conta até então de como o terceiro e o primeiro mundo estavam conectados por uma mera linha colorida.

4

Como eu, Leonardo Pontevedra, fui parar nesse buraco? O buraco que me gerou. Como posso explicar? Antes é importante assumir o fato de que estar vivo é a forma mais trágica de se estar no mundo. Daí, tudo é aceitável.

Em termos mais objetivos, não é preciso dizer o quão humilhante era terminar o namoro com Beatriz Nikolopoulos, uma das pianistas mais importantes do país e o melhor partido do Rio de Janeiro. Meu exílio tinha a ver com isso. Minha fama e relações como artista foram consolidados às custas dela. Além disso, ela era rica e eu não. Eu não tinha dinheiro para ir a Belo Horizonte, quanto mais a Paris. Saí da relação mais duro do que quando nos conhecemos, cinco anos antes. E ela ainda terminou puta comigo, dizendo que até o diabo me ganhava em caráter e todos esses lugares comuns repetidos pelas mulheres quando estão confusas, excluindo qualquer possibilidade de contar com ela até me reestruturar. E tudo isso porque eu comi a empregada.

Pode parecer um clichê, mas não é tão dramático quanto comer a irmã, por exemplo, outro clichê. Eu também comi a irmã dela, é verdade, mas disso ela não sabia. Eu vivia dando em cima das suas amigas, das primas, comi a irmã duas vezes, comi a vizinha e a secretária dela. Como a genética das mulheres ricas tende ao enfado, estão sempre propícias a algum ato perverso. E eu gostava de dar força para a perversão alheia. A empregada foi um deslize de classe, uma volta às origens, e não esperava ela dando com a língua nos dentes.

Não fui lá muito inteligente, é verdade, perdi as estribeiras com a coitada por ter limpado umas sobras de coca que deixei na mesa. *Eu não sabia, Seu Leonardo. Pensei que era açúcar de bolo.* Peguei a lesada pelo braço

e joguei para fora do apartamento. Foi o mesmo que Beatriz fez comigo naquela mesma noite aos berros por telefone. Nem esperou voltar da turnê pela Espanha. Disse para abandonar a cobertura até domingo, pois na segunda mandaria trocar a fechadura. Se descobrisse da irmã, sangue do mesmo sangue, acho que Bia ainda me perdoava, mas a empregada era ir abaixo demais para os padrões dela. Mas nem era só isso. Eu também estava sempre chapado ou cheirado, era grosseiro com ela na frente dos amigos, ciumento sem motivos e outros sintomas que os analistas de relacionamento usam para diagnosticar o que chamam de “babaca”. Então, acho que acumulou tudo e a empregada foi só a gota d’água.

Aí montei aquela festa épica, deixando a cobertura em pedaços, e levei os três mil reais destinados às despesas da casa para tentar sobreviver até conseguir um bico. Em troca, larguei tudo o que tinha – nem era muito, na verdade. Trouxe apenas meu notebook, meu telefone, uma mala de roupas e outra de livros. Eu também não podia contar com ninguém. Não falava com meu pai há anos. Nem sei se estava vivo. Todas as minhas amizades atuais eram baseadas em falsidade e negócios escusos, comuns aos artistas. Puxei muito saco de editores e jornalistas, mas isso é permitido na minha profissão. Agora, pedir favores de subsistência me retiraria todo o encanto que eu havia cultivado como prestigioso homem de letras. Afinal, a única moeda de troca nesses meios é o status. E eu não podia simplesmente entrar no

Facebook e mudar meu status para “fracassado”. Meus amigos de verdade, aqueles que me apoiaram quando eu ainda era um anônimo, a maioria eu já não encontrava havia anos. Dois deles até apareceram na festa de despedida, mas eu não dei muita atenção e logo depois sumiram. Talvez isso explique um pouco como eu vim morar nesse cu de mundo. Era minha única opção e o plano era sair daqui o mais rápido possível.

5

Leonardo voltou da estação de metrô seguindo ao longo do valão-divisa, ainda pelo lado carioca, na direção do bairro Engenheiro Belford. A água gordura-furta-cor se arrastava entre sofás e pneus semissubmersos, tentando levar consigo o reflexo do capim crescido às margens. As casas de alvenaria à mostra na margem oposta projetavam-se miseráveis contra a beira cimentada do canal para compor uma Veneza sórdida. *Pobre coloca cimento em tudo*, pensou Leonardo, *menos na parede das casas*. Avançou até o limite do que parecia ser um lugar amistoso para visitantes e, cruzando o canal por uma passarela de concreto grosseiramente construída, quebrou o trajeto por algumas ruas à direita, fazendo contorno em direção a praça Getúlio Vargas.

A estrutura chamada cidade parecia necessitar de pouco para existir ali. Os sistemas de água encanada, telefonia, rede elétrica, transporte público, correios e de outras coisas de mecânica complexa e com tanta chance de

dar errado impressionavam por harmonizarem, de forma precária, um conjunto até certa medida eficiente. De onde vinha a água para abastecer tanta gente e para onde seguia tanto esgoto? Parecia a Leonardo um mistério.

Cruzou o Centro de Meriti por vários ângulos, tentando descobrir loja, café, espaço cultural ou livraria passível de abrigar sua condição de intelectual de prestígio. Mas não havia muito para ele. No Centro, a história – se efetivamente existia – parecia entulhada, típico dos lugares onde o novo não é tão novo e o velho não é tão velho. A praça principal, onde estava a Igreja da Matriz, era basicamente um estacionamento com duas grandes árvores, passagem obrigatória para noventa por cento de todo ser, pedestre ou motorizado entrando no município. Já avançando uns tantos metros em qualquer direção saindo do Centro, Meriti convertia-se em um lugar sem história alguma, uma parte do mundo que simplesmente deixou-se existir – uma grande zona favelizada de casas pela metade, ruas mal pavimentadas e sem árvores, montanhas de lixo queimando nas praças, gente sofrida e animais mal feitos levando carroças de madeira. Essa Meriti não era a São João idílica do menino que esteve ali algumas vezes com a mãe para limpar o apartamento. Talvez fosse exatamente igual ou pior na época, mas certamente não era o mesmo lugar. Parecia-lhe agora apenas um inferno superpopuloso com altos índices de violência e um calor insuportável agravado pelo excesso de concreto.

À tardinha, com o suor pingando pela camisa, Leonardo entrou em uma lan house e publicou em seu perfil do Facebook:

Pouso tranquilo no Charles de Gaulle e um traslado em carro com motorista até minha nova casa \0/ Hoje à noite, jantar com o reitor da universidade e o chefe do departamento. Aproveitarei a tarde para dar minhas boas vindas à cidade com um belo passeio pelo Sena.

Curtiu algumas fotos da festa publicadas por amigos e conferiu o gmail. Quando voltou ao Facebook, a postagem já contava com 95 likes e muitos comentários elogiosos.

6

Um mês e meio já havia se passado quando a companhia telefônica instalou a conexão de internet no sobrado, trazendo cabos por dentro da parede, mas foram necessários mais vinte dias para retornarem e descobrirem por que a instalação não funcionou. Nesse período, Leonardo fez uma média de cinco visitas diárias à lan house em frente. Uma de suas poucas diversões nos primeiros tempos. Entretia-se, especialmente, postando novidades de Paris no Facebook e no Twitter. Palmilhava a capital francesa pelo Google Maps e pela memória de visitas anteriores como se palmilhasse a vizinhança, fazendo coincidir na imaginação as ruas com os mapas.

Andar por Paris é sempre uma aventura. Ontem, durante um passeio noturno pelo Boulevard Henri-IV, dois jovens me abordaram pedindo cigarros. Foi só conversarmos um pouco para descobrir que eram músicos em uma banda de jazz e acabei sendo convidado a ir com eles ao café onde iam tocar. O que era para ser uma caminhada breve antes de dormir converteu-se numa jornada noturna de bar em bar pelo Quartier de la Roquette que só terminou às onze da manhã de hoje no Le Baron Rouge.

347 curtidas | 130 comentários | 28 compartilhamentos

Dedicou diversas postagens à descrição do seu novo apartamento, suas caminhadas inspiradoras pelo Sena, as tardes nas livrarias da Rue Danton e na Shakespeare and Co., *antes frequentada por vagabundos e poetas pobres, hoje idolatrada pelos turistas hipsters fazendo fila para entrar*. Exibiu orgulhoso a rotina de escrita no café Les Deux Magots e outros ambientes frequentados por intelectuais famosos; transcreveu em detalhes o tema de algumas de suas melhores aulas na Sorbonne e das conferências para as quais era convidado em toda a Europa; relatou encontros e diálogos inteiros com escritores importantes e interferências na vida pública francesa. Tudo ilustrado pela indubitável confirmação das fotos baixadas aleatoriamente pelo Google.

Hoje, no mesmo café onde Lautréamont sentava-se para escrever Les Chants de Maldoror, o filósofo croata Alojz

Vušić contou-me que durante a guerra da Bósnia, um rapaz foi pego pelos soldados bósnio-sérvios nas cercanias de Sarajevo. Para saber de que lado estava, o soldado perguntou se ele era católico, ortodoxo ou muçulmano. “Sou ateu”, disse o rapaz, ao que o soldado respondeu: “Malditos ateus... mas, afinal, você é um ateu católico, ortodoxo ou muçulmano?”. Rimos o riso trágico dos amargurados e guardei a história para contar aos meus alunos. Decidi dedicar minha próxima aula ao tema “poesia e guerra” e, para ilustrar, lerei versos de Radovan Karadžić, poeta e escritor para crianças, que se tornou o maior genocida da Bósnia, chegando a dedicar obras a colegas que viria a assassinar.

812 curtidas | 248 comentários | 257 compartilhamentos

Mas sua narrativa virtual não deixava de ser muitas vezes reflexo do efetivamente vivido em Meriti. Se não tinha o Sena, adquiriu o hábito diário de caminhar ao longo do valão até a pracinha diante da ponte na entrada da Favela da Linha. Ali, sob a amendoeira, sentava-se pelas manhãs em uma cadeirinha de praia comprada nas Lojas Americanas para elaborar seu novo romance, projeto recente tendo em foco voltar à ativa – e aos prêmios. Já os diálogos postados eram parte fantasiados parte conversados com vizinhos, pessoas que conhecia nos bares, comerciantes locais e alguns funcionários da biblioteca municipal, na avenida Automóvel Clube, com quem fez aproximação. Ali, na biblioteca, aliás, enturmou-se com alguns dos poucos

frequentadores e iniciou voluntariamente uma oficina de escrita para passar o tempo. E, retirando a parte da Sorbonne e o fato de precisar quase alfabetizar alguns dos alunos, nada acerca das aulas anunciadas no Facebook deixava de ser verdade.

7

Até uns meses atrás, eu me autodenominava escritor, letrista, crítico e ator, mas na verdade nunca tinha participado de nada sério como ator. O escritor tinha algum sentido, pois há uns sete anos publiquei por uma pequena editora um romance chamado *A casa no pesadelo do cavalo*, que acabou por ser elogiado e ficar bastante em evidência. Admito que os elogios não se deviam tanto ao mérito literário do volume quanto por uma tática bastante inteligente de minha parte – com toda modéstia. Como o recurso da autoficção estava na moda, transformei em personagens cada um dos críticos que futuramente viriam a escrever louvores sobre o livro nos principais jornais e revistas do país. Estavam os mais importantes ali, independente das tendências ou círculos aos quais se alinhavam, retratados como grandes mentes em uma história policial pseudofilosófica com traços de vanguarda.

Nada é mais sedutor para o ego de um intelectual que se ver projetado para a eternidade. E, assim, não só ganhei aplausos unânimes, como dois dos maiores prêmios nacionais naquele ano e me tornei o estreado mais amado por cada crítico, jornalista e professor uni-

versitário em território nacional, além de presença certa nas feiras literárias que pipocavam em todo lado.

O livro não vendeu nem setecentos exemplares, mas por conta dele entrei no restrito círculo dos jovens escritores da moda, passei a ser visto com bons olhos pelos jurados dos editais, recebi atenção dos grandes editores e mesmo daqueles escritores mais velhos que me desprezavam antes dos prêmios. Além disso, passei a escrever no jornal mais importante do país – o que justificava o “crítico” –, e fiz letras para dois músicos em início de carreira – o que justificava o “letrista”. Dois anos depois desse meu volume de estreia, conheci Beatriz e isso me alçou à condição de semicelebridade carioca. Bia era o tipo de mulher que, ao meter-se com um homem, fazia dele um grande senhor aos olhos de seus próprios plebeus, e um universo inteiro de pessoas simpáticas, sorridentes e interessadas em ajudar se abriu para mim. Mas não escrevi outro livro desde então. Me acomodei no prestígio e no dinheiro fácil propiciado por Bia.

8

Com a internet instalada na casa, Leonardo sofisticou as táticas. Postou como recentes fotos antigas, feitas nas viagens à Europa, e mesmo fotos das turnês de Beatriz que acompanhou e nas quais acabou por posar ao lado de figuras como Gérard Depardieu e Philip Glass. Chegou a alterar algumas delas via Photoshop, retocando strategi-

camente uma ou outra placa ao fundo. As primeiras não eram tão bem feitas, mas poucos notaram isso. Gastou tempo aperfeiçoando-se no programa e logo surgiram recortes de matérias no *Le Monde*, entrevistas no *Libération*, algum comentário no *Le Figaro*, artigos no *Le Nouvel Observateur*, todas tecendo elogios sobre “o talentoso escritor brasileiro de passagem pela Sorbonne”.

Ninguém duvidava ou buscava as versões eletrônicas dos artigos diretamente nos sites de tais jornais. Não havia sequer motivo para desconfiar. Os amigos aceitavam simplesmente porque se tratava dele e porque ele havia namorado Beatriz Nikolopoulos. Ademais, teve o cuidado em não cometer exageros e evitar incoerências, sobretudo quanto ao programa responsável pela sua estadia em Paris. Conhecia, de visitas breves, o suficiente da estrutura da universidade Paris-Sorbonne para não dar informações erradas; e suficientemente mal os docentes ligados à literatura brasileira para não o buscarem nos corredores da universidade. Por duas vezes lembrou aos amigos não se tratar de um professor concursado, o que levantaria suspeitas, mas de estar em um programa temporário de docência artística vinculado ao departamento de Filosofia, em colaboração com a Faculdade de Letras de Paris, sem entrar em detalhes, entretanto, em qual departamento estava alocado.

Apesar dos pouco leitores, Leonardo era uma figura popular e cada postagem alcançava uma média de quatrocentos likes, tendo aumentado significativamente

depois de seu exílio. Suas publicações eram compartilhadas, sobretudo, por teóricos renomados, celebridades e amigos jornalistas e isso tornava sempre exitoso os seus relatos, fazendo o mundo fascinante de suas descrições tornar-se verdadeiro aos olhos dos que o sonhavam a partir dos olhos dele. Se os amigos influentes de Leonardo corroboravam a história, todos queriam tomar parte. Os cadernos culturais dos jornais impressos do Rio e de São Paulo estavam atentos às suas informações, publicando notas expressivas sobre suas andanças, e por duas vezes Leonardo foi citado em colunas sociais insinuantes, especulando traições a Beatriz com alguma baronesa francesa com quem ele teria sido flagrado. A essa altura ninguém ainda sabia da separação. E colaborava para isso o fato de Beatriz não ter perfil nem a mínima intimidade com as redes sociais. A tática estava funcionando tão bem que no final do terceiro mês de atividade virtual, um dos colegas escritores lhe escreveu dizendo que estaria em Paris e pedia para encontrá-lo.

9

Hoje, eu já tenho a noção do quão inocente era quando tudo começou. Sei por exemplo que, caso quisesse, nem precisava ter publicado um livro para ter alcançado o prestígio como escritor. Na nossa era, em que contar um fato desvincula-se do fato em si mesmo, não é necessário ser efetivamente nada para se chegar a alguma coisa. É preciso ter os amigos certos – isso é o mais importante

– e dizer a eles dos seus feitos, fictícios ou não. Eles mesmos convencerão os outros de suas capacidades e, quando todos acreditarem, nem mesmo eles colocarão em dúvida, porque todos estarão falando do que você fez. Uma espécie de rotavírus narrativo, no qual a narrativa sublima o que é narrado. A partir daí nada pode identificar a diferença entre o verdadeiro e o falso.

Na verdade, esses conceitos sequer existem, porque, com obra real ou não, uma vez que o seu nome se torna uma “marca”, ninguém questionará ou buscará alguma referência fora dele. Quando algo é repetido incessantemente, ninguém se pergunta o porquê. Apenas aplaude e passa adiante como chimpanzé treinado. É mais importante a mágica que a mão do ilusionista. Caso duvide de minha teoria, repare como a relevância de algo na rede – simulando o comportamento do próprio mundo fora dela – se mede, não pela sua qualidade, mas pela quantidade de citações. A máxima “quanto mais se fala mais será falado” é a regra nunca superada. Mas, claro, produzir um objeto físico – no caso, meu livro – minimamente bem engendrado que faça uma intervenção na realidade ajuda bastante, porque é a evidência de que a era dos simulacros e da simulação ainda não chegou pra valer – e de que isso pode ser provado.

10

Ainda nas primeiras semanas, Leonardo começou a sofrer de solidão e buscou fazer amigos. Quando

convidou o vizinho Simão da porta em frente para um chope, ele respondeu *ok, mas se eu roubar qualquer coisa sua, por favor, me avise que eu devolvo, tá?*. Era cleptomaniaco assumido. No barzinho, Simão perguntou a Leonardo onde trabalhava.

– Eu sou artista.

– De televisão?

– Não, de outro tipo.

– Que tipo?

– Do tipo que dá aulas em Paris.

– Paris? O puteiro?

– Não. A cidade.

– Ah, tá. – respondeu olhando como olham os homens desconfiados.

Desempregado de toda a vida, Simão passava o tempo criando gatos. Ao nascerem, ele colocava correntes presas a minúsculas bolas de chumbo em cada uma das quatro patas e gradualmente alterava o tamanho das bolas conforme os filhotes cresciam. Chegavam a adultos musculosos e agressivos. Também misturava proteínas e bombas às rações. Seu objetivo era criar o primeiro vale-tudo de gatos da história, disputado por verdadeiros pitcats prontos para se destroçarem no ringue. Não sei se ele tinha noção de que isso poderia ser ilegal, mas não comentei nada. Já tinha sete gatos prontos para a luta, mas admitiu ainda não conseguir fazê-los se enfrentar para valer. Simão foi uma boa companhia para Leonardo naquele tempo. Saíam para beber constantemente e

tinham grandes conversas sobre cachaça, onde conseguir cocaína e gostos por mulheres:

– Mas afinal alguém precisa comer as anãs.

Leonardo pagava as cervejas e Simão, em troca, o apresentava a gente do bairro, levava aos bares locais e até ao Absolut, a boate dos adolescentes onde estiveram por toda uma noite tentando se passar por estudantes de medicina. Graças a ele, descobriu “os pontos mais importantes da cidade”, ou seja, botecos sujos com caraoquê e cerveja barata onde vez ou outra alguém sacava uma pistola. E desbravou Meriti até quase as profundezas, avançado pela dureza daquele universo sebento e arestoso para seus padrões assépticos, pontuado pelos terreiros de candomblé, pelas igrejas evangélicas, pelos bailes funk e pelos grupos de extermínio.

A vida ali era bem diferente da do Leblon: sem passeios pela orla, sem frescor da brisa do mar, sem vista para a Pedra da Gávea e para nenhum outro cartão-postal. Uma simples compra no supermercado podia ser algo cansativo, entre filas intermináveis, crianças chorando, homens barrigudos sem camisa empurrando carrinhos entupidos de carne para o churrasco no final de semana e a inexistência da “esticada” na praia para tentar conhecer alguma passante. A precariedade do lugar era tanta que Leonardo enxergava ali apenas um arremedo em versão ainda mais miserável e desinteressante do subúrbio onde cresceu.

Mas, apesar de geográfica e economicamente dependente da “cidade maravilhosa” em sua condição

de município dormitório, Meriti guardava os elementos essenciais a qualquer cidade: seus ambientes noturnos clássicos, seus grupos musicais, seus saraus de poesia popular e bares de rock, seus personagens notáveis, seus estudantes enchendo os barezinhos ao redor das universidades particulares, seus pontos de encontro e até culturais. Só a chamada “cultura formal”, tão cara a Leonardo – em especial, aquela ligada à literatura e às artes de vanguarda –, era realidade precária ali. De resto, havia tanto por descobrir, tantos submundos inexplorados, tantos universos paralelos em cada habitante.

E Simão era uma boa porta de entrada para tudo isso. Não fosse por ele, Leonardo teria passado todo o seu tempo entre aquelas paredes escuras do apartamento, que chegavam a transpirar nos dias mais quentes, sem televisão ou vida social, em uma rotina resumida a beber, comer e dormir-despertar diante da internet.

E assim, teve a oportunidade de conhecer o comportamento errático de habitantes cuja única esperança era chegar à última prestação da tv de led, assim como o dos moradores que conseguiam criar para si um pequeno paraíso familiar em seus quintais cheios de cães e plantas. A gente local o tratava com melindre e curiosidade, devido ao vocabulário empolado e às roupas de qualidade. Amigou-se desses nativos, mais comunicativos e abertos que seus antigos vizinhos na Zona Sul; participou das festas de domingo no Brizolão onde serviam sirizada e pirão; foi convidado a churras-

cos em terraços mal engendrados, comportando gente além do supostamente seguro; e até soltou pipa com os meninos do Pau Branco, as mesmas pipas que, das lajes do subúrbio de sua juventude, infestavam o fim da tarde, ancorando as casas no céu.

11

Se descobri tão rápido as manhas do mundo literário e como estar sempre bem acolhido por ele, é porque ele se baseia em um princípio muito simples: a verdadeira literatura não está dentro dos livros, mas no teatro das celebridades. Arte é saber jogar com os personagens da vida real, usando o adereço cênico de uma obra qualquer. E os fatos comprovam isso.

Aquele caso do Sunday Times é exemplar. Passando-se por um autor estreante, um jornalista do semanário inglês enviou originais para avaliação a quarenta editoras. As obras eram, na verdade, livros de autores contemporâneos consagrados e premiados – um deles, com o Nobel – e foram sumariamente rechaçadas por não terem “qualidade suficiente”. Isso só demonstra como a obra em si não diz nada sem um nome e uma estrutura política por detrás para dar o seu verdadeiro valor. Ninguém com juízo lê os livros e por isso eu fiz do meu um mero passaporte para a atenção alheia.

E é preciso buscar essa atenção com cuidado, através de um intenso e discreto trabalho de autopromoção, frequentando os lugares certos, tornando-se chegado das

peças-chaves e vendendo sutilmente favores a serem retribuídos futuramente. Mas, principalmente, é preciso tornar-se alguém querido e para mim isso não era difícil. Aprendi cedo a dizer às pessoas exatamente o que elas desejavam escutar, mesmo quando buscavam alguém contrário às suas opiniões. Eu sou muito bom nisso, na verdade, em não dizer o que eu penso realmente.

Outro fator importante a ser levado em consideração é a estratégia a ser seguida no meio cultural e a categorização dos parceiros escolhidos para compor essa estratégia. É muito mais vantajoso, por exemplo, coletar amigos jornalistas no lugar de escritores em competição contigo – ainda que não se deva desprezá-los totalmente. Em termos mais didáticos, eu graduaria assim:

1) Jornalistas e editores devemos manter muito perto, com encontros quase diários ou mesmo íntimos. Ter jornalistas como melhores amigos, ou pelo menos parceiros de bar, não é opcional se você quer subir rápido; 2) Pessoas com altos cargos na área de cultura, críticos de renome e professores universitários – apenas os de prestígio, por favor – mantemos a uma distância média, o suficiente para não desarmar a nossa condição de marmóreos aedos arrebatados pelas musas. Nada que envolva bares ou boates. Eles não decodificariam bem o significado de vê-lo cheirado e dando em cima de travestis. Mais do que jantares formais em casa ou conversas no intervalo de algum evento é desnecessário. Até porque os jornalistas já

terão feito todo o trabalho por você. Eles acreditam cegamente na verdade indubitável dos segundos cadernos; 3) No patamar mais afastado, com encontros muito raros ou apenas virtuais, estariam os outros escritores, dos quais o máximo que você conseguirá é uma puxada de saco e alguma ideia roubada. Mas, como disse, não podemos desprezá-los totalmente. Falarei deles mais adiante, sobretudo do tipo de jovens escritores a dar atenção.

Sei que muita gente me chamava de interesseiro pelas costas – e não posso negar que aos olhos dos inocentes talvez soe assim –, mas eu preferia me ver como sendo prático. Por que me enganar, romantizando algo que sempre foi do âmbito da estratégia social? Mas isso não me tornava mau ou cínico. Eu era apenas desinteressado pelas pessoas desinteressantes e falso com as pessoas falsas. Os outros queriam de mim exatamente o que eu queria deles. Tudo uma questão de sobrevivência num meio extremamente competitivo. Eu vinha do subúrbio e meus pais tinham vindo da Baixada. Minha obrigação era dar um passo adiante.

12

Foi também com Simão que Leonardo comemorou o primeiro réveillon em Meriti. Sozinhos na varanda, uma cerveja atrás da outra e um frango de mercado. Não queria saber de festa naquela noite, e o vizinho foi generoso em não deixá-lo só.

– A gente sabe que tá ficando velho quando vê que as coroas que a gente comeu de moleque tão tudo virando bisavó – dizia Simão, enquanto os fogos começavam a estourar sobre os telhados. – Ontem dei uma encaçapada na neta de uma ex-peguete. Tá grávida de seis meses, acredita? Dezesseis aninhos e já tá prenha de um PM... olha a merda!

No Natal, alguns dos alunos da oficina de escrita tinham preparado para Leonardo uma ceia improvisada no quintal da Biblioteca Municipal, com refrigerantes genéricos, bolo de caixinha e frutas compradas no Mundial. Até bem pouco antes disso, logo no princípio, Leonardo desaparecia ao final de cada aula. Os alunos não o interessavam em absoluto. Sequer conseguia manter com eles uma conversa minimamente fluente sobre qualquer assunto e desconheciam alguns dos autores mais importantes da história da literatura, apesar de muitas vezes mentirem quando perguntava.

Como gostava de ouvir a si mesmo, optou por ignorar essa pequena defasagem e seguiu com as aulas sem nenhuma didática, além daquela que usaria caso estivesse na Sorbonne. Mencionava obras, autores, fatos, referências filosóficas e artistas contemporâneos e de outros séculos com a mesma indiferença esperada pelos alunos franceses da pós-graduação. Com isso, sua turma foi gradualmente diminuindo e, em algumas semanas, a quantidade de alunos caiu para quase um terço. Somente três dos mais obstinados resistiam, comparecendo de

forma irregular. Irregular o suficiente para uma vez coincidirem na falta, deixando Leonardo esperando sozinho entre as estantes de ferro. E ele chegou na aula seguinte já preparado para anunciar o cancelamento da oficina, quando viu Joyce surgir – com uma calça de ginástica apertada, o volume da vulva inchada destacando-se sob o moletom –, perguntando se ali era a oficina de poesia.

Leonardo não só mudou de ideia, como de tática, passando a ser mais atencioso e até convidando os alunos para um chope depois da aula – o que obviamente não deixava de ser um sacrifício justificado por uma causa maior.

Os alunos, bem ao contrário, tinham por ele certo fascínio e ficaram felizes ao ver a generosa aproximação do professor. À volta da mesa do bar, quando ele falava sobre livros e escritores de forma mais descontraída e até apaixonada, se colocavam solenes como se escutassem o último édito papal. E acabou ensinando muitas coisas a eles depois disso. Mostrou a única livraria não evangélica da região – uma papelaria, na verdade –, onde podiam encomendar títulos interessantes; levou alguns deles a lerem o primeiro livro completo e até deu exemplares do seu próprio romance de presente. Em parte porque queria impressionar Joyce, em parte porque gostava de ser idolatrado.

Os alunos conheciam bem pouco de Leonardo. Ele não falava da coluna no jornal e negava quando perguntavam se tinha Facebook. *Muitas vezes é melhor que*

o diabo não saiba que você existe. Temia delatar ao mundo onde estava, mas temia ainda mais que seus alunos fossem vistos por seus amigos importantes interagindo na sua timeline com frases mal formuladas e erros grosseiros de ortografia. Ademais, eles só publicavam memes com corações, flores, gatos ou de gatos com flores ou de corações piscantes com gatos e flores, além das outras variantes possíveis. Não escreviam uma única linha sobre o que tinham escutado dele nas aulas. Ao entrar no perfil do aluno mais empenhado, deparou-se com a foto principal estampando um patético diploma em técnico de refrigeração. Imediatamente, acessou as configurações de cada um deles e os bloqueou, para nunca o encontrarem nas buscas. A excessão ficou por conta de Joyce, cujo perfil sempre vasculhava pelas madrugadas para masturbar-se diante de suas fotos tiradas na academia ou na praia.

13

Eu sempre estive entre o pior de dois mundos. O pior da periferia, que é você querer pertencer a elite, e o pior da elite, que é você vir da periferia. Mas escolhi desde cedo romper essa dupla barreira, nem que para isso tenha sacrificado os poucos princípios forjados pela infância simples. Não sei se ficou claro, mas a escrita não era a minha meta última. Eu queria era ser conhecido, pertencer a esse grupo de intelectuais despreocupados, e escrever foi a única ferramenta disponível para chegar lá.

Mas consegui isso sem nunca assumir o papel de pobre limpinho, como os colegas que usavam a origem como alavanca literária e depois sobreviviam sendo exibidos como o homem elefante. Também tive a hombridade em não querer ser um autor de sucesso comercial fácil, tentando ao máximo diferenciar-me dos magos psicodélicos das estantes de autoajuda. Eu tinha mais elegância que isso. A fama está intimamente ligada ao modo como é alcançada, e buscar ser rico através da escrita me soava algo vulgar. Não que eu recusasse ganhar dinheiro com meu trabalho, mas eu queria ser visto como escritor sério, dos que são citados em bancas de doutorado.

Não foi difícil. Eu escrevia bem, nada realmente surpreendente, mas acima da mera alquimia: linhas minimamente elaboradas, que é o básico; citações de autores consagrados mas pouco lidos, denotando alguma erudição; elementos estilísticos e paródicos sofisticados, afastando o leitor comum; longas reflexões impertinentes, fazendo o leitor mais crítico identificar-se; violência desmedida em cenas de impacto gráfico, para aqueles que entendem que o mundo não é um mar de rosas; títulos pomposos remetendo a zonas de conflito ou a condições bestializadas do ser humano, para os mais ousados. Tudo feito sob demanda para um público diferenciado que eu conhecia bem.

Talvez, resguardados os devidos níveis, isso soe similar às estruturas previsíveis tão caras aos bruxos

da literatura de entretenimento. Em tese, são universos distintos simplesmente porque são tipos distintos de mediocridade. Os dois não oferecem ao mundo mais que alguns bons momentos de reafirmação das certezas do seu leitor. Leitores distintos, mas ambos comprando a segurança do próprio senso comum. E eu estava consciente disso. Trata-se de uma hipocrisia de mercado, claro, mas eu sentia prazer em cultivá-la, porque era esse leitor que eu sempre desejei ser. Não me interessava ser um escritor nos velhos moldes, metuculoso e inspirado, empenhado em reinventar a arte da escrita. Isso já era pouco atraente. Coisa de gente acostumada ao fracasso e ao anonimato. Uma raça que aos poucos ia desaparecendo por falta de leitores. Longe de mim!

14

Apesar de o prestígio de Leonardo ter aumentado devido à “carreira internacional”, a coluna no jornal era ainda o único trabalho para sustentar o seu novo estilo de vida. A vida profissional estagnava na mesma velocidade com que sua estadia em Paris tornava-se publicamente um êxito, convertendo o sucesso da campanha em uma faca de dois gumes: um no mundo real e outro no mundo virtual. Por conta da suposta distância, recusava ou já nem era convidado para as eventuais conferências nas feiras e festivais nacionais, palestras nas universidades e outros acontecimentos remunerados locais. Tampouco o convidavam como jurado de prêmios, organizador

de antologias, tradutor ou qualquer ocupação que supostamente lhe renderia um valor inferior ao pago pela universidade parisiense. A oficina de escrita, por sua vez, era voluntária e muitas vezes ele gastava do próprio dinheiro para copiar textos para os alunos.

Para compensar a defasagem, passou a dar aulas particulares de idiomas e, como falava o inglês nativo do Leblon, conseguia cobrar um pouco acima da média local. O que em resumo não era muito, mas suficiente para pagar as contas da casa, comprar algo de comida e financiar a cerveja. A cocaína tornou-se luxo e ele precisou encontrar nas garrafas de vodca paraguaia o alívio para suportar a pressão. Para reforçar a alimentação gordurosa da pensão de Dona Hilda, tomava vitaminas na lanchonete da esquina e passeava na feira livre aos domingos para comprar frutas entre um caldo de cana e um pastel de carne.

15

Escrever mensalmente no jornal também foi importante para a minha carreira como escritor. Porque não adianta se garantir só nos críticos consagrados. Esses já estavam pedindo carona pro Jardim da Saudade. Eu devia ter uma moeda de troca com autores da minha geração e uma coluna fixa no jornal de maior circulação do país era como ter trinta centímetros de piroca, reflexo de um tempo no qual críticos gozam de mais prestígio que os criticados. Mas era preciso o cuidado de escrever sobre as pessoas certas.

Se você pensou que se deve escolher pelo talento, você merece o fracasso eterno, camarada. Se nem os pesquisadores acadêmicos dedicados ao contemporâneo, que teoricamente *pesquisam* – e ademais *pesquisam o que está surgindo* –, se arriscam a trabalhar fora da obviedade dos nomes mais badalados, por que eu o faria? Além disso, não se pode cair no erro de alavancar alguém melhor que você.

Eu escrevia sobre quem, como eu, não desejava produzir a próxima grande obra da humanidade, comprometendo-se com a escrita apenas o suficiente para entrar em cena. Gente jovem, descolada, pronta para se articular e se promover independente da qualidade do texto, alcançando a curto ou médio prazo o prestígio necessário para, ao citar-me, poder elevar ainda mais minha posição. Esses me defenderiam como os trezentos de Esparta porque eram cúmplices do mesmo crime e porque se lembrariam de minha ajudinha para serem maiores do que efetivamente eram. Eles lustrariam com a bunda o verniz do meu caixão e essa seria a minha garantia de eternidade. Eu não queria esperar muito por ela. Como dizia um amigo, *a posteridade sempre chega tarde demais*.

Sabe o que acontece com quem perde tempo “escrevendo para a posteridade”? Bem, não adianta ir agora no Westminster Hall jogar uísque caro no túmulo de Edgar Allan Poe quando o cara não pôde beber com dignidade em vida. Os nomes de Pessoa, Camões, Kafka são hoje

utilizados pelo mesmo tipo de gente que os desprezava quando vivos. O tipo de gente que defende teses sobre eles, reedita suas obras, ganha a vida dirigindo suas fundações, dá seus nomes a bibliotecas e ruas, lucra com seus originais inéditos, mas não daria um centavo a eles para escreverem uma nova obra se fossem seus vizinhos. O tipo de gente hipnotizada por um mantra de palavras denominando nada. O tipo de gente que me idolatrava.

Diante de um planeta onde esse tipo de gente é maioria, e da promessa de um apocalipse iminente, a quem importa a posteridade? Meu interesse era escrever para o meu tempo – e ganhar com isso, claro.

16

E escrever para o seu tempo, Leonardo sabia. Uma de suas postagens recentes no Facebook vinha causando alvoroço:

Aqui na Europa, você pode ser gordo, você pode ser aleijado, gay ou negro, mas você não pode ser feio. Todas as minorias já gozam da igualdade e é muito difícil ser discriminado por algum desses motivos. Mas os feios são uma espécie ainda não catalogada de gente e, portanto, alvos constantes de preconceito – sobretudo por parte das mulheres bonitas. Os feios são uma raça à parte que Deus esqueceu de amparar, a maior e a mais discriminada de todas as minorias.

1.167 curtidas | 687 coment. | 1.872 compartilhamentos

Não era uma declaração gratuita. Leonardo calculou com precisão o impacto a ser causado. Sentia-se entediado e achou ser uma boa ocasião para provocar seus conterrâneos do outro lado do rio Pavuna.

As regras entre os jovens escritores da moda nas redes sociais eram claras: referenciem-se sempre e o máximo possível. Citar os aliados a cada cinco publicações, com nome e sobrenome e dando status de autores já estabelecidos, era um gesto de boa vontade e a garantia iminente de proteção quando os desafetos viessem a atacar. Essa postagem de Leonardo, portanto, visava gerar comoção entre os inimigos, nutridos de inveja pelo seu sucesso prematuro, para assim ter os amigos unidos em sua defesa.

De fato, essa publicação de Leonardo tornou-se um quase viral, trazendo o seu nome à tona naquela semana. Havia quem o atacasse agressivamente, ofendendo-se pelos feios, pelos gays, pelos negros ou pela lógica politicamente absurda do autor da frase, mas especialmente por ter sido Leonardo quem a escreveu, não sendo necessário sequer relativizar o teor irônico. *Só alguém tão feio quanto Leonardo Pontevedra poderia escrever algo assim*, disseram. Por outro lado, havia quem defendesse a frase com o mesmo ímpeto com o qual atacaria se fosse escrita por outra pessoa. Nesse caso, por se tratar do amigo, esbanjavam tolerância, vendo ali unicamente a opinião sincera do escritor sem demagogias. Diziam ser um ato de altruísmo um homem lindo como Leonardo defender os feios.

Eu prefiro amar um gordo que um feio – escreveu alguém nos comentários de sua publicação, ao que ele respondeu com outra postagem:

Toda vez que alguém ama um gordo, faz um desserviço à humanidade, incentiva um mundo obeso, preguiçoso, com distúrbio alimentar e que financia as multinacionais de fast-food. Além de manter o gordo gordo. A feiura já não tem solução. Ninguém é culpado. O feio que suporta a feiura é um herói. E toda vez que alguém ama um feio, uma fada nasce.

775 curtidas | 292 comentários | 657 compartilhamentos

E mais comentários indignados jorraram em sua timeline. Era afinal uma polêmica girando em torno de si mesma, fazendo da polêmica uma grande espiral em direção ao autor. A enxurrada de postagens, respostas, longos debates paralelos e até memes ironizando o “comentário infeliz” refrescavam a alma de Leonardo e, quando ameaçava esmorecer, ele entrava com algum ataque pessoal ou provocação perversa, fazendo o tema ebulir em outro lado.

A discussão foi encerrada com um bloqueio momentâneo do perfil de Leonardo por parte do Facebook, como punição pela foto explícita de dois modelos hediondos em pleno ato sexual. *As leis do Facebook são mais duras que a lei de Deus*, escreveu no Twitter, tentando dar prosseguimento à discussão, sem grande resultado – o que o fez lamentar-se pela efemeridade da vida

virtual, ao constatar que antes esse tipo de polêmica durava até uma semana, enquanto agora sequer havia alcançado três dias inteiros.

17

O leitor pode estar impressionado com minhas habilidades “extraliterárias” – e o talento necessário para não acabar sendo visto como uma grande self-made farsa. Nada demais, na verdade. Eu tinha o dom. Porém, comparado a alguns amigos, eu não passava de um amador grosseiro. A começar por ter cometido o mais raso de todos os erros em minha profissão: nascer errado. Por conta dessa pequena falha de caráter, precisei fazer muito esforço para chegar ao lugar que para outros era apenas o ponto de partida.

Sim, a melhor tática começa em saber nascer. Como o meu amigo que acertou em cheio ao nascer filho de um grande autor de teatro. Foi a melhor e mais brilhante colocação no ranking de largada para a ascensão imediata, dando-lhe a oportunidade de, durante os anos de amadurecimento, ser amante dos amigos importantes do pai, o que o levou, ainda antes dos vinte, a tornar-se colunista nas maiores revistas de cultura do país. E só o fato de colaborar nessas revistas já lhe garantia o verniz da inquestionabilidade e os aplausos certos dos leitores que, a despeito das colunas de banalidades disfarçadas de tratados filosóficos, se referiam a ele como o mais jovem pensador da atuali-

dade. Era simplesmente genial! Era como tentar fazer a mágica, falhar vergonhosamente e, ainda assim, ser ovacionado como o novo David Copperfield.

Meu resumo pode até sugerir ter sido tudo fácil para ele, mas temo estar sendo injusto. Em conversas regadas a pó, cachaça, ecstasy e travestis revelou para mim quanto saco puxou (e chupou) para estar à altura do pai. Ao ponto de hoje ser incapaz de emitir qualquer opinião crítica caso não traga vantagem pessoal. E efetivamente era tão chapa branca que, se Hitler fosse governador, lá estaria ele, jantando com o cara no momento em que assinou a ordem para a “solução final”. Não por acaso, aos trinta anos, tornou-se coordenador de um órgão estadual de cultura, aumentando seu círculo de afetos e de desafetos. Os fracassados atribuíam a ele o fato de nunca conseguirem qualquer benefício estatal enquanto esteve no cargo, o que não acontecia àqueles que, como eu, sempre souberam estar ao seu lado quando ainda era uma promessa anunciada. Isso sim era poder. Uma vida realmente emocionante dedicada a estar por cima.

18

Em um fim de tarde, cruzando a passarela da linha do trem, Leonardo encontrou acidentalmente com Joyce voltando da agência de advocacia onde trabalhava como secretária. Ela tinha se esquivado de suas inúmeras investidas, mas desta vez Leonardo lhe pareceu especialmente atraente e nessa mesma noite, voltando

de alguns copos por uma Av. Arruda Negreiros quase deserta, ele chupou sua boceta tão bem chupada que ela quase deslocou o maxilar do amigo pressionando a cabeça dele contra suas pernas, enquanto se equilibrava contra a porta de uma banca de jornal.

Era preciso tirar uma mulher de dentro e colocar outra à força. É certo que com ela eu não esqueceria Beatriz. Joyce era tão sem encantos quanto um programa dominical na tv. Não tinha absolutamente nenhum atrativo além do corpo bem trabalhado na academia local. Mas foi o melhor que consegui naquele lugar de poucas opções e me ajudaria a sublimar a depressão através das fudas diárias depois do expediente. Era desesperada o suficiente para ser usada o tempo que fosse necessário, tal como a velha casa do meu avô. Tinha um filho que eu fiz questão de não conhecer e uma mãe, acho, para cuidar, além de uma vida recheada por detalhes por demais desinteressantes para eu perder tempo narrando. Estava saindo de um casamento com um homem quinze anos mais velho. Eu vi o sujeito umas duas vezes esperando por ela na porta da agência de advocacia, fingindo que eu não estava lá, perguntando pelo garoto. Senti alguma alegria em vê-lo ali, cabisbaixo, curtindo uma depressão por aquela mulher ordinária como eu sofria pela mulher extraordinária lá do Leblon. Joyce realmente não me interessava, mas saber que ela devia ser o mundo para aquele cara me revigorava.

Ela logo apareceu com um bloco de poemas escritos a caneta.

– Eu ia passar pro computador, mas tava ansiosa pra saber o que você acha.

Eram péssimos. O de sempre: confissões juvenis primariamente escritas por uma adulta que leu três poemas na vida. *São lindos! Não desista*, eu disse uns dias depois, devolvendo os manuscritos. Junto, dei para ela dois dos poucos livros de poesia trazidos na mala: um de Marina Tsvetaeva, outro de Hilda Hilst. Ela achou ambos estranhos, preferia Vinicius, mas não desgrudava deles e sempre voltava com alguma conclusão rasa sobre um verso o outro. Eu não queria ser grosseiro ou desestimulá-la, mas deveria alertá-la sobre a poesia ser um gênero de muito empenho e pouco retorno, sem falar que os poetas me pareciam uns tipos sem futuro. Então, levei toda uma aula da oficina explicando por que a poesia era uma arte morta.

– Como você pode saber? – interrompeu-me ela, tentando dissimular a irritação evidente.

O fato de ninguém mais ser capaz de distinguir um bom de um mau poema era a maior prova disso. E os poetas, para fugirem a essa indiferenciação niveladora, entrincheiravam-se em correntes estéticas, exigindo leitores fiéis às suas paróquias ideológicas, como se não fosse possível interessar-se por diferentes tipos de poesia sem queimar no mármore do inferno. Gostar das vanguardas imediatamente te impediria de gostar da poesia

mais lírica ou de elaboração mais relaxada, e vice-versa. Era provavelmente o único gênero no qual se precisava estar afiliado a um só estilo para não ser visto como alguém superficial. Com isso, os poetas estavam sempre brigando uns com os outros pelos motivos mais banais e acabavam perdendo a oportunidade de se promoverem. Nesse ritmo, e sem sequer um mercado interessado de leitores, muito em breve a poesia seria exclusividade de especialistas anacrônicos se reunindo nos finais de semana, tal como é hoje a falcoaria ou rituais de chá.

– Eu curto charme e nem por isso deixo de ir no pagode da casa da Tia Marislene, no Pau Branco – acrescentou um dos três alunos presentes.

Joyce olhava perplexa por detrás de sua visão romântica do assunto e seria impossível fazê-la desistir daquilo. Os mais ignorantes são sempre os mais persistentes.

– Poesia para mim é expressão: contar o que eu trago dentro – disse ela. Esse era um argumento estúpido o suficiente para não ser fácil de rebater.

A única coisa que eu trazia dentro era a vontade de foder sua boca com força no banheiro da biblioteca para mantê-la fechada. Mudei de assunto e voltei a abordar o confronto entre os conceitos de ficção em Wolfgang Iser e Thomas Pavel.

Se a verdadeira arte é afinal a do engano, o gênio é resultado do cinismo, não da verdade. Todos buscam

uma narrativa edificante; esperam do mundo uma história bonita para acreditar, não importa a realidade por detrás. Querem uma distração para o quão desinteressante é sua própria vida.

O compositor japonês Mamoru Samuragochi, surdo e genial, revelou ser apenas um golpe de marketing. Nem surdo, nem genial, suas peças mais importantes tinham sido compostas por um professor de meio expediente em um conservatório local. Mas quem executaria a sinfonia de um desinteressante docente, feio e desengonçado, em detrimento do selvagem descabelado de óculos escuros erguendo heroico sua batuta contra a orquestra? E depois de revelada a fraude, por que cancelaram as execuções de “suas” composições e a venda de cds? Não deveria a obra valer por si mesma, independente de quem a compôs? Os crentes na verdade indissolúvel da arte, diriam que sim, mas os fatos simplesmente comprovaram que não.

É preciso aceitar: já não há espaço para as obras. Elas chegam aglomeradas em massas disformes endereçadas a diferentes nichos de consumidores. O mundo alcançou o seu ápice produtivo e a quantidade de energia demandada para se realizar algo que faça a diferença é infinitamente maior do que a que podemos oferecer, assim como o retorno será infinitamente insatisfatório diante do esforço aplicado. Pensa, por exemplo, na quantidade de trabalho envolvido na realização de uma simples produção cinematográfica, com meses de

preparação e centenas de profissionais envolvidos, para depois da estreia, não importa quanto dinheiro gere ao produtor ou o quão desafiadora se revele sua estética, ser esquecida ao cabo de uma semana pelas próximas mil grandes produções da semana seguinte. Nada é mais como há dez anos. São geradas mais obras de qualidade do que é possível consumir. E as redes sociais são o grande deflagrador disso, numa escala sem precedentes.

A Paris da efervescência artística do início do séc. XX está hoje em toda parte, mas sem a possibilidade de expansão para o “resto do mundo”, garantida pela então herança colonialista. Não há mais mundo a ser explorado além desse que já conhecemos, tornando a excelência algo tão vulgar quanto descartável. Há tantos sendo extraordinários que o extraordinário já não basta. O “primeiro lugar” é uma potência a ser superada. A excelência dos atletas que, quase super-humanos, não podem ganhar uns dos outros pela sua própria deficiência em ser humanos.

A excelência é a nova mediocridade. Por isso me parece tão inútil dedicar-se de coração a um projeto artístico. Entretanto, ainda podemos dissimular a excelência. E ser excelentes nisso – na dissimulação – como eu era. E sabia que o era porque todos me aplaudiam quanto mais eu jogava o grande jogo. E por isso mesmo não me sentia uma fraude, mesmo vivendo naquele lugar horrendo, enquanto arrotava Paris. Onde alguns poderiam ver o charlatão, muitos mais veriam o gênio à frente de seu tempo.

É claro que todo esse meu ceticismo pela escrita eu não demonstrava em público. Isso seria revelar o truque por trás da mágica e afastar o ganha-pão. Pelo contrário: nas conferências, entrevistas e aulas inaugurais para as quais era convidado, eu criava um discurso apaixonado sobre a vocação e a arte da escrita, colocando esperança na cabeça dos jovens tolos e brilho nos olhos dos velhos sem noção. Sabiam, no fundo, tratar-se de uma farsa, mas era indiferente: queriam ser enganados. A arte de emocionar é como a arte da sedução: o alvo não busca o amor, busca ser passado para trás. Nos bares, por exemplo, faz parte do jogo dar voltas nas verdadeiras intenções com uma mulher, ainda que as intenções sejam evidentes. E o maior conquistador é quem finge melhor ser algo que verdadeiramente não é.

O mesmo acontece com o público que enche as feiras de livro para comprar o último volume do escritor da moda. Numa terra de não leitores, onde até a compreensão da ironia é um luxo para poucos, estão todos tão desesperados por acreditar na fábula de que a literatura os tornará melhores que não importa se essa fábula esconda uma estrutura análoga à da produção de carne com conservantes tóxicos. Crer no falso entusiasmo de gente como eu fazia todos acreditarem ser real o falso entusiasmo deles mesmos.

21

Toda vez que Leonardo armava a cadeira de praia logo pela manhã sob a amendoeira em frente ao valão para

ler ou para fazer anotações do novo livro, os passantes com bíblias nas mãos o observavam com curiosidade. Aquele era o único lugar calmo e com vista para alguma coisa naquele lugar, apesar de ser uma coisa de águas imundas cheirando a carniça. Talvez o que o atraísse ali fosse a visão do Rio de Janeiro a menos de dez metros do outro lado do canal. Talvez aquele fosse o *cu da cidade maravilhosa*, como concluiu uma vez ao surpreender-se com as garças, ainda frequentando o valão, salpicando de branco a negritude de lodo e buscando algo de comida entre a merda.

Muito antes, na juventude do tempo, aqueles eram os limites das cidades, onde começavam os campos. Tudo fazendas cortadas por riachos que logo se encheriam de manilhas e esgotos. Hoje os limites das cidades são intermédios eternos entre outras cidades. É como se o campo não tivesse sido substituído por outra coisa, mas encoberto por pobreza e superpopulação. Aquela gente com seus filhos prematuramente mortos, seus amores foragidos, seus dramas convertidos nos números de algum livro esquecido num depósito. Já não só o velho mundo estava em decadência. O novo mundo não guardava mais a promessa do novo e o novo “novo mundo” fracassou antes de começar. Apenas tentava sobreviver à própria inaptidão. Mas a beleza era democrática e, sim, havia beleza em São João de Meriti, mesmo não sabendo Leonardo como pensá-la. A maneira como o sol batia nas casas extraía da miséria algo inexprimível. É a luz

que ensina sobre o tempo e, àquela hora da manhã, até Deus se enternecia com a luz.

Quando, na hora do almoço, fechava sua cadeira e seguia de volta para casa, parava diante dos galinheiros nos quintais à beira do rio. O desespero com que os pintinhos fugiam dele buscando proteção nas galinhas parecia-lhe irônico dentro da metafísica que aquelas manhãs lhe traziam. A galinha, o animal mais fácil de ser abatido no universo e sua bravura não podiam protegê-los de absolutamente nada. Se algo os protegia, era a estrutura maior do galinheiro, do quintal da casa, do dono do galinheiro, este mesmo que um dia os abateria de um golpe, com um suspiro de cansaço antes do telejornal da tarde começar. Como a beleza e a juventude também não protegeriam ninguém da morte. As rugas de Leonardo, seguradas por tanto tempo na vida de luxo, começavam a aparecer. Era sinal do corpo se adequando à nova situação. O desenho da cidade afinal determina o destino dos habitantes.

Pelo menos uma vez por semana, Leonardo seguia a pé pelo extinto ramal ferroviário circular. O caminho já sem trilhos e descaracterizado ora se convertia num estacionamento, ora numa feira-livre, ora num beco entre as casas, ora numa pracinha de terra batida com algumas árvores. Caminhava até o extremo da linha, quando esta se entroncava a outro ramal ainda em funcionamento. Gostava de sentir as eras remotas daquele lugar remoto, compreender como tudo surgiu

e tornou-se exatamente aquilo que estava ali: abandonado, feio, banguela e extremo. Meriti definitivamente era outro país, um país muito distante daquele seu de meses antes. Não sabia se era infeliz ou não ali.

Uma vez chegou a esboçar um perfil fantasma no Facebook para adicionar os alunos da oficina. O perfil de alguém que viveu toda a vida naquele mesmo lugar, sem a aventura de jogar-se no mundo, com uma namoradinha na rua ao lado, uma geladeira nova e um passeio pelo jardim zoológico num domingo de sol. Porque talvez fosse sim possível ser feliz ali, caso o pensamento se ajustasse aos limites do bairro e à fronteira fictícia tão real aos seus habitantes. Mas esse perfil falso seria apenas um arremedo virtual da sua vida atual. Preferia ficar com a mentira em que seus amigos importantes vinham acreditando havia tanto tempo.

22

Uma noite, por volta das três da madrugada, Leonardo desfrutava um último cigarro sob a escuridão da varanda do sobrado. Através do silêncio daquela hora, chegava de longe o som dos atabaques de um terreiro de candomblé mesclando-se ao ritmo eletrônico de algum clube na outra direção. Depois da última tragada, estalou os dedos e fez a guimba voar em arco até a calçada oposta, quase acertando uma jovem que só agora tinha notado, em roupa de festa cruzando a rua deserta às pressas. Ela não se deu conta de Leonardo ou

do quase incidente com a guimba e ele já preparava um pedido de desculpas para puxar conversa. Foi quando viu quatro homens aproximarem-se rapidamente por detrás dela. Desistiu da brincadeira e buscou alertá-la do perigo, mas não deu tempo nem de esboçar as palavras. Um deles desferiu um soco direto na nuca e ela caiu de cara no meio-fio, desacordada. Levantaram sua saia e passaram a violá-la ali mesmo, de bruços no chão, no meio da calçada. Leonardo não podia falar ou se mover, por mais que tentasse. Quando controlou a respiração e recobrou os movimentos, teve ideia apenas de esgueirar-se para dentro do apartamento e buscar o celular. O aparelho levou algum tempo para ligar e conseguir sinal. Ele digitou o 190 e voltou para a varanda em silêncio. Os homens eram rápidos e se revezavam na moça. Enquanto um deles, reclamando do desconforto da calçada para os joelhos, levantava o quadril dela para chegar com o pênis até sua vagina, o outro apertava o queixo dela com força para tentar meter os dedos em sua boca. Um terceiro com o pau balançando meio mole para fora da calça filmava com o celular, enquanto o último, mais afastado, falava rindo ao telefone, comentando do achado, enquanto olhava para os lados em busca de alguma testemunha. Leonardo aguardava ser atendido agachado atrás do parapeito da varanda, ouvindo do outro lado da linha uma gravação metalizada em looping de *O lago dos cisnes*, o que certamente ajudava as vítimas a relaxarem enquanto esperavam um atendimento de

emergência. Ele preferiu não intervir, mesmo quando o último homem da sequência terminou e o primeiro a violou novamente. Tampouco achou prudente gritar quando, ainda no meio do ato, uma van de transporte público apareceu com mais três homens dentro. O motorista abriu a porta e os quatro sujeitos entraram levando a mulher desacordada. Quando a polícia finalmente atendeu a ligação, a van arrancou cantando pneu.

23

Pela primeira vez em cinco meses, Leonardo digitou o número de Beatriz no telefone. Não deixou a ligação completar. No lugar, ligou para Joyce e perguntou se ela estava bem. No momento de fraqueza deixou escapar palavras delicadas e de preocupação, retirando algum suspiro dela no outro lado da linha. Havia tanta saudade no pensamento de Leonardo, que o presente parecia apenas uma visão do futuro. Chegava quase a ter saudades do agora e entrevia uma concepção de realidade na qual futuro e passado se alternavam geograficamente. Lembrou do filho que não teria com Beatriz e como jogariam bola na praia diante do edifício no Leblon. Esse filho de vidro cuja não concepção alterou seu futuro.

Ter filhos é só uma compensação para a vida dos fracassados, eu sempre dizia para Bia. Como a maioria das pessoas não conseguiu fazer nada de grandioso, elas ensinariam aos filhos valores e certezas não cumpridas por elas mesmas. Seria uma forma de enfrentar a dura verdade

de que, como a massiva maioria da raça, sua maior garantia de eternidade será resistir por três ou quatro décadas após a morte como um retrato na parede de alguém. Por isso recusei a Beatriz o filho. Eu não queria desistir de ser grande como ela já havia conseguido ser. Ela apontava a incoerência no meu discurso, pois como poderia ela querer um filho se eu mesmo a considerava exitosa. Para ela era fácil ser uma grande pianista quando nasceu em berço de ouro, filha de um regente de renome internacional e com absolutamente tudo preparado para sua grandeza. Eu não. Eu ainda precisava buscar minha própria grandeza. E apenas recusei o filho. E, agora, por sua vez, ele me recusava, negando-se a nascer dos nossos corpos, já tão afastados um do outro.

Joyce do outro lado da linha perguntou se Leonardo ainda estava ali. Chorando, ele passou sem gradações do pensamento à palavra, divagando sobre como o amor era a forma mais brutal de violência. *Precisamos de um sinal para termos acesso ao corpo do outro.*

– Porque o corpo do outro é um país estrangeiro e precisamos de visto para imigrar nele. Mas a possibilidade de sermos sumariamente deportados faz do afeto uma barbárie sem limites. Uma xenofobia de quem se ama. Só nessa crueldade o amor se faz possível, na tensão fibrosa das afeições...

– O que você quer dizer? – perguntou Joyce esperançosa. Leonardo não respondeu, mas temia esquecer Beatriz. Isso ele não queria. Não queria participar de

uma história simplesmente desacontecida. Uma história na qual lentamente se esqueceriam um do outro até o ponto em que nunca tivessem se visto antes.

24

Pouca gente sabia, mas, segundo algumas doutrinas remotas da Ásia Menor, Memória concebeu dois filhos gêmeos: Arn’Sargosi, o deus que nos fazia esquecer, e Arn’Sargosi, o deus que nos fazia recordar. É possível que então tivessem nomes distintos, ninguém se lembra. O sabido é que a eles se rezava de maneira exatamente igual, bastando alterar, no momento da evocação, o tratamento “Majestoso” por “Imponente”. Certo dia, por um descuido do esquecediço, incerto se ele era ele ou seu irmão, um pescador foi atendido por ambos os deuses, gerando assim o primeiro sonho. Desde esse dia, além de serem sempre lembrados pelo mesmo nome, passaram a ser evocados de forma indiferente, ao ponto de nunca se saber a qual deus se estava rezando. Assim, abandonados por seus fiéis, caíram em decadência. Quando os encontrei, na saída de uma festa no Via Show, fumados e cheirando a álcool, me chamaram de “parceiro” e me pagaram uma bebida. Segundo eles, já havíamos tomado um porre juntos anos atrás na Lapa.

– Porra, era você que comia a gostosa da Beatriz Octopus.

Não foi necessário dois copos para começarem a explicar-me, em meio a discussões violentas entre eles,

como se dá mecanicamente o esquecimento de um fato ou sua recordação, o que, segundo o meu entendimento mortal, só posso explicar da seguinte maneira:

A todas as coisas no mundo, se aderem fragmentos de vida que vão se desprendendo de nós, seres viventes. É como nos livramos do peso constantemente adquirido por existir. Assim, as coisas vão acumulando fantasmas, recordações, sentimentos e alguma eletricidade dos corpos. Apenas por isso, casas e objetos ficam assombrados por “espíritos”, de mortos e de vivos – e ganham assim sua própria história. Ao doarmos a eles, essas aparas de vida desaparecem de nós e, com o seu desaparecimento, por vezes desaparecem também esses mínimos objetos e lugares para os quais foram passados, nos deixando livres para novos acontecimentos e novos objetos onde guardá-los. Memória e realidade teriam, portanto, a mesma matéria, distintas apenas pelo fato de estarem em nós ou nas coisas. É quando entram em ação aqueles dois deuses mauricinhos, com o artifício de levar para dentro e para fora da existência aquilo que descartamos, colocando nos “amuletos” cotidianos o acidente de o resgatarmos.

– É, cara, nem tudo cabe numa reza – disse um deles equilibrando-se no poste, enquanto puxava pela camisa polo o irmão sentado no meio-fio aos beijos com uma estudante de secundário menor de idade. – Amanhã, ele não lembra de nada.

Antes de nos despedirmos em um pé sujo às dez da manhã, fizeram-me considerar o Alzheimer pelo seu viés mais provável: não o da enfermidade, mas o da redenção. Depois de terem atravessado uma vida cheia de acontecimentos, no lugar de recordar o passado com a angustiante consciência da irrepetibilidade, não seria genial se alguns escolhidos pudessem revivê-lo como parte do presente, sem distinção entre o que é e o que tinha sido?

– É o nosso presente para quem se comportou bem no Natal.

Efetivamente, o que as pessoas temem neste fenômeno ocasionalmente chamado Alzheimer seja talvez a possibilidade de, não podendo ter controle sobre esses deuses filhos da Memória, acabarem sendo possuídos por eles, como são possuídos os filhos dos orixás. Mas se um deles nos faz lembrar por contingência, o outro nos deixa esquecer por indulgência. E há quem goste mais de um e quem goste mais do outro, gerando tensão no delicado equilíbrio da memória. Talvez por isso haja mais palavras do que gente para pronunciá-las.

– Vê?! Se liga, cara – disse um deles bebendo do copo de cachaça em um só gole –, ser jovem não adia a velhice.

Deu um tapa na cara do irmão cochilando sentado ao lado que o fez levantar-se da cadeira num salto, perguntando:

– Já deu o recado? Já deu o recado?

– Já tá. Vambora.

Desde então, convencido de que a memória das pessoas dependia do ofertado a elas para lembrar, Leonardo esmerou-se por fazer da vida virtual um verdadeiro testemunho de eternidade. Entre polêmicas, comentários inteligentes e outros nem tanto, incluindo longos textos dedicados à igualdade de gênero e à defesa de outras minorias – para manter o perfil de escritor ativista –, imagens photoshopadas de seu apartamento com vista para o Sena e fatos tornados verdadeiros pela coerência do ficcionista, tentava garantir na sua vida em Paris a sincronia com a antiga vida no Leblon.

Porém, quanto mais a estadia na França se alongava, mais e mais amigos pediam para encontrar com ele ou se hospedar em sua casa. Leonardo dava sempre a mesma desculpa de estar viajando no período. Escritores franceses chegaram a escrever-lhe pedindo um encontro, alguns interessados em traduzir seu livro, outros querendo convidá-lo a conferências. Professores de outros departamentos escreviam-lhe marcando jantares, e mesmo alguns disseram tê-lo procurado na universidade sem muito sucesso. *Em que sala te instalaram, poderia me informar?*, escreveu um catedrático. Uma vida simulada que Leonardo Pontevedra começava a ter dificuldades de manejar.

Ele tinha, claro, cogitado a possibilidade disso acontecer, mas a única maneira de cancelar aquele teatro antes da descoberta seria encontrar um emprego bem

remunerado para um quarto e sala num bairro mais apresentável da Zona Sul do Rio – situação pouco provável naquele momento – ou ganhar um prêmio redentor em dinheiro com o tal romance em andamento. O que não esperava, entretanto, foi o que se passou quando abriu certa manhã a sua conta do Facebook.

Rogério Leão, colega escritor de São Paulo que poucos meses antes lhe escreveu – sem resposta – perguntando se poderiam se encontrar, marcou Leonardo em um status no seu perfil:

Noitada frenética ontem em Paris com o grande @Pontevedra, colega que admiro profundamente e que sempre quis conhecer. Obrigado por nos receber com tanta simpatia!

Leonardo leu a postagem diversas vezes, vasculhou o perfil de Rogério, viu quantos amigos tinham em comum, voltou à linha do tempo e a postagem ainda estava lá, com quarenta e dois likes. Escreveu uma mensagem privada para Rogério, respondida imediatamente:

Rogério Leão:

Eu estou bem, e você? Sobreviveu à ressaca?

Leonardo Pontevedra:

Como foi ontem?

Rogério Leão:

Bebemos muito, não?

Rogério Leão:

Foi muito bom. Raquel está encantada contigo. Quer muito ler seu livro.

Rogério Leão:

Adoramos te conhecer. E obrigado pela garrafa de vinho. Como disse, não entendemos do assunto, mas imagino que deva ser muito bom.

Leonardo não conhecia bem Rogério para saber o que desejava com aquela brincadeira, e não podia perguntar a ninguém mais, com risco de desmascarar-se. Digitou:

Leonardo Pontevedra:

Que tipo de brincadeira é essa?

Rogério Leão:

?

Leonardo Pontevedra:

Você sabe que esse encontro não aconteceu.

Rogério Leão:

?????!!!!!!!

Leonardo Pontevedra:

Eu nem estava em Paris ontem.

Depois de alguns minutos em silêncio, Rogério respondeu com uma foto em que aparecia ao lado de Leonardo, os dois abraçados em um café parisiense,

aparentemente embriagados, cada um segurando uma taça de vinho. Com a demora em receber uma resposta, Rogério escreveu:

Rogério Leão:

Você é esquisitão, cara... vai entender... deve ter sido o álcool, bahaha...

Leonardo não respondeu. Apenas desconectou-se e forçou-se a permanecer afastado do Facebook durante alguns dias.

26

Duas tardes depois, recebeu uma visita. Estava deitado no sofá quando bateram à porta. Um homem de idade apresentou-se, dizendo ter sido amigo de seu avô e pediu para entrar. Sentaram-se um diante do outro na mesa de jantar.

– Eu sonhei com essa casa – disse o homem.

– De onde você conhece meu avô?

– Sonhei que eu vinha aqui hoje, como venho agora. Só que não havia ninguém. Você não estava aqui. Era esse mesmo instante, mas sem você. A porta estava aberta. Eu sentei nessa cadeira onde estou sentado e fiquei olhando para aquele canto – e apontou para uma quina da sala – ali. Tinha uma sombra, aquela mesma sombra. Se você vê a parede, pode ver a sombra que ela faz em si mesma.

– É um canto mal iluminado. É normal que haja uma sombra.

– Mas tem algo escondido na dobra da sombra. Consegue ver?

– Não.

– Mas está ali. Alguma coisa que olha para nós.

– Não.

– Agora eu vejo melhor. Consigo ver o que é. É um animal.

Leonardo olhou com atenção. Não via nada mais que o canto escuro por falta de luz.

– Você é pirado, camarada – respondeu.

– Se ele não é real, como ele sabe que estamos aqui? Olha agora, ele está vindo na sua direção, o focinho está quase encostando na sua cabeça.

Leonardo não se virou e o velho continuou.

– Acho que ele quer dizer algo. Você precisa escutar. As casas não nos encontram sem querer...

– É minha mão que vai encontrar tua cara se você não sair da minha frente.

O homem partiu assustado, sem tirar os olhos da parede enquanto se afastava, e Leonardo nunca mais voltou a vê-lo.

27

Naquela mesma noite, Leonardo sonhou que estava sendo sonhado. Sonhou que o sonhavam ali naquela cama e que um cavalo subia aos saltos as escadas do

sobrado. Ali, deitado, ele escutava os cascos do animal contra os tacos de madeira da sala, cruzando serenamente o portal de entrada, passando entre a mesa e o sofá até surgir diante da porta aberta do quarto. Sem poder mover-se, via o equino deitar-se sobre a cama com as patas dianteiras dobradas sobre suas pernas. Com o focinho bem próximo do seu rosto, o animal enorme em seu pelo metálico girou a cabeça de lado para aproximar um dos olhos gigantes da face de Leonardo, soprando calor pelas narinas vulcânicas. Em um misto de relincho estridente e sussurro grave, disse:

– Treze cabeças enterradas na parede.

Leonardo despertou lutando para respirar como se tivessem espremido seu pescoço. Recobrou o ar, foi até a sala e ajoelhou-se no canto da parede que pelo dia fazia sombra em si mesma e àquela hora já não se diferenciava dela. Ainda sonolento, perguntou: *quem é você?* Não houve resposta. Apenas o ligeiro roçar da cortina na cadeira da mesa de jantar gerava algum som. Leonardo bateu a parede. Algumas crostas de tinta e do reboco amolecidas pelas infiltrações se desmancharam ao passar a mão. Forçou os dedos contra o emboço quase liquefeito e um grande bloco de massa se despreendeu espalhando-se pelo chão. Entre os fragmentos de parede estava um pedaço de papel que Leonardo desdobrou e, através das manchas de umidade, pôde identificar uma mensagem escrita a mão em letras de forma:

*Leonardo, me tire daqui. Te imploro.
Leve essa mensagem até Afrânio.
Ass. Seu avô Ernesto.*

26

No dia seguinte, Simão trouxe uma erva especial para ajudar o vizinho a relaxar. Sentado no sofá, enrolou o baseado, deu um trago profundo e passou a Leonardo. *Tomaí. Essa é suave como o boquete de um anjo.* Simão leu o bilhete com dificuldade, quase soletrando, enquanto Leonardo fumava observando o teto da sala para constatar o quanto estava cercado por tubulações irrigando as paredes dos edifícios. O único Afrânio conhecido por Simão na vida foi o homem que construiu aquele sobrado.

– Ele viveu no meu apartamento antes da gente. Aí vendeu para minha mãe e escafedeu-se. Já vão uns quinze anos que não vejo o cara. Não sei o que aconteceu com ele.

– Mas que merda! Quando meu avô escreveu isso? E o que, caralhos, ele quis dizer com “leve a mensagem”? Que mensagem, porra?!

– Ele nunca te falou nada?

– Tá louco, ele morreu cinco anos antes de eu nascer.

– Isso sim é um problemão, hein!

– Não faz sentido nenhum isso. O que que eu faço?

– Eu sei lá... eu não faria nada.

– Tem um quê de desespero essa mensagem. Tirar ele de onde?! Ele estava preso no apartamento?

– Talvez estivesse amarrado.

– Amarrado?! E como ele escreveria a mensagem amarrado?

– Pô, e como o bilhete foi parar na parede?

– Que grande merda isso tudo! Por que isso agora? E esse tal Afrânio?

– É... – exclamou Simão, tossindo com um trago do baseado. – Garotas mortas dançam com demônios, meu chapa.

25

Leonardo visitou o cartório onde estava o registro do imóvel e com alguma paciência e dinheiro extra teve acesso às certidões de vendas dos apartamentos e das lojas do sobrado, e também à certidão de compra do terreno. Descobriu que o Afrânio que viveu no apartamento de Simão foi quem construiu o edifício e vendeu o apartamento da frente para o seu avô. Na realidade, analisando os documentos com mais cuidado, descobriu que o terreno já pertencia anteriormente ao avô. Este o vendeu a Afrânio para a construção do edifício e logo depois comprou um dos apartamentos. Leonardo não entendeu bem a lógica do negócio, mas isso não lhe pareceu dizer nada naquele momento.

Já tendo um nome completo, digitou no Google “Afrânio Augusto de Melo Magalhães”, mas não encontrou

nada relevante. Afrânio vinha das épocas anteriores à rede e, apesar de tudo, existia todo um universo não disponível através do Google. Conjunto de nomes e fatos pertencentes exclusivamente à realidade física das coisas perdidas para sempre. Buscou mais informações na polícia, na prefeitura, pediu ajuda aos funcionários da biblioteca para acessar arquivos de jornais antigos, mas em meio a desorganizações, falta de informações e má vontade, acabou desistindo. Absolutamente nada realmente útil foi encontrado. Leonardo estava determinado a salvar o avô do que quer que fosse, mas tudo o que tinha era um nome e mais dúvidas em sua vida.

24

Quando voltou a acessar suas contas do Facebook e Twitter depois de alguns dias de abstinência, deparou-se com novos comentários nos quais estava tagueado, além de mensagens particulares, agradecendo por encontros nunca acontecidos – mas aparentemente reais para essas pessoas. O mais impressionante foi uma foto feita por uma desconhecida com seu celular, onde se via Leonardo à frente de uma turma em uma sala de aula. Junto à imagem, lia-se o texto:

Ontem, aproveitei minha estada nessa cidade linda para assistir como visitante a uma aula incrível na Sorbonne com @Leonardo Pontevedra, para mim o maior escritor brasileiro de todos os tempos.

#LeonardoPontevedra #PartiuParis #LoucaPorLivros

Seguida de alguns comentários:

Meu sonho.

Nunca li nenhum livro dele, mas todos falam muito bem.

Show de bola!

Depois que vi a entrevista no Jô, li todos os livros dele.

Eu sou aluno aqui na Sorbonne e assisti à aula dele também.

Todos dizem que é um gênio. Parabéns!

A princípio, acreditou tratar-se de uma imagem antiga ou mesmo montagem, mas nas semanas que se seguiram outra foto surgiu e outra e mais outra, vindas de pessoas as mais diversas ou mesmo inimigas. E mais postagens foram surgindo, comentando as aulas geniais de Leonardo, jantares nos quais o conheceram e até uma foto onde posavam com ele diante da Torre Eiffel. Poucos meses depois, Leonardo já tinha um álbum repleto de fotos em que “aparecia” com amigos em Paris. E aparentemente se tratava dele mesmo. Não um ele mais jovem, nem levemente diferente, mas um ele agora, com o mesmo corte de cabelo e sorriso, apenas mais bem vestido e com melhor disposição. Parecia efetivamente estar em Paris, sem saber como.

Tentou ignorar tais postagens. Talvez assim o fenômeno simplesmente parasse de acontecer. Mas logo notou entre os comentários mensagens suas – ou, pelo menos, escritas a partir do seu próprio perfil –

agradecendo a cada um daqueles que escreviam sobre seus “encontros inesquecíveis” em Paris. Um por um, Leonardo apagou tais comentários e mudou a senha de seu Facebook para prevenir-se do hacker invasor. Por algum tempo não houve mais comentários involuntários, apesar de continuamente surgirem mais e mais fotos dele em Paris.

23

Esses estranhos acontecimentos nos quais Leonardo parecia multiplicado em dois, acabaram forçando-o a uma vida virtual cada vez menos ativa, passando a beber mais e se aproximando de Joyce. Chegou até a encontrar seu filho Henrique uma vez, um menino tímido pouco interessado em um pai.

Aquela Joyce em sua cama, a cabeça oculta pela fumaça-flor do cigarro, os olhos de absinto, teve a infância difícil de mãe ausente e uma história amorosa conturbada. Aos dezessete anos, participou de um filme pornô na ocasião em que Rocco Siffredi veio ao Brasil buscar atrizes. Nessa época, Joyce era uma dessas ninfetas tão pequenas que dentro mal cabia um ser humano. Confiando no seu corpo cobiçado para viajar o mundo, mentiu a idade e contracenou com dois homens ao mesmo tempo. No auge da cena, Rocco a convenceu a fazer dupla penetração anal. Ela tinha se iniciado na vida sexual três meses antes e aquela experiência foi um tanto traumatizante, mesmo apesar da emoção de estar

fodendo com o homem dos seus orgasmos solitários de adolescência. Não só não viajou o mundo como não voltou a participar de outra produção.

Anos depois, o homem que viria a ser o pai do seu filho a reconheceu do filme quando cruzou por ela no Centro do Rio e passou a cortejá-la até firmar casamento. Ele amou apaixonadamente sua esposa pela cena perversa de vinte minutos em uma produção pornô barata e sempre repetia o vídeo quando faziam amor. Pedia a ela para pensar nos atores, para lembrar que sequer tinham penetrado sua vagina, para reviver a sensação dos dois pênis em seu ânus. Não houve uma só vez na vida erótica com ele sem esta encenação, tão encantado estava pelo lado licencioso da mulher. Talvez, por ser tão delicada, lhe inspirasse brutalidade desmedida e jamais foi capaz de fazer amor com o afeto esperado por uma esposa. Ela não suportou quando ele a obrigou a reproduzir a cena com dois homens contratados e a relação de sete anos acabou três anos depois de ter vindo o filho. E, assim, por esses desencontros, acabamos nos esbarrando naquele momento.

Joyce com o coração de quartzo e sua hemoglobina barata, tomada da costela das antenas, gerada do óleo ósseo das fábricas à beira dos valões. Ela não era mesmo nada do que eu esperava, mas uma cidade não tem somente suas condições habitáveis, ela possui também as suas condições amáveis e a cada lugar os encontros correspondem à arquitetura local. Habitamos o amor como se habita um imóvel.

E, tal como a casa do meu avô, talvez o nosso tenha sido edificado num sobrado erguido às pressas num bairro soterrado de passados mal vividos. O amor talvez estivesse ali, acessível por dois lances de escada até as portas *a* e *b* uma diante da outra pelo puro acaso do traçado da planta baixa. E quem sabe amar Joyce não fosse tão diferente de amar Beatriz, pela maneira indistinta com que o amor se encaixa em tão diferentes seres. Mas isso seria como vestir outro destino, e não sei se estava preparado para pular tão rapidamente de um destino a outro, assim como se fosse só pegar um desvio na autoestrada.

É sempre bom ter alguém para cuidar de nós quando tivermos câncer, mas para isso eu deveria aceitar a nova vida diante daquele Sena imundo, ao lado de uma companheira saída de um comercial das Casas Bahia. Não era tão fácil.

22

A hipótese das fotos se tratarem de trote sobreviveu mesmo após Leonardo ver gente de confiança participando com alguma imagem ou narrando em detalhes alguma experiência conjunta. Entretanto, ela caiu por terra completamente quando encontrou parte de uma conferência supostamente sua, gravada por iPhone e disponibilizada no YouTube.

Quem quer que fosse o sujeito, estava ali em carne e osso no salão nobre da universidade francesa. Uma cópia assustadoramente idêntica, simulando sua voz,

seus trejeitos, suas piadas e mesmo o seu francês mal pronunciado e emulando com precisão o seu pensamento teórico. E, tal como ele mesmo teria feito, percorreu sobre sua paixão pela escrita com a mesma grandiloquência de quem abre o Mar Vermelho. Sua fala naqueles cinco minutos de vídeo casava com seu habitual falso discurso com tal autenticidade que chegou a duvidar da originalidade de seus próprios pensamentos. Aquele homem misterioso não podia ser menos que um gênio, não só por imitá-lo com requinte, mas por sustentar com perfeição e consciência a fala de quem estaria simulando uma paixão inexistente pelo tema, ao ponto de fazer parecer verdade a mentira dentro de sua mentira.

Leonardo não resistiu a ler os comentários ao vídeo, este já beirando mil visualizações e compartilhado aqui e ali pelas redes sociais:

Casava com ele. Homem inteligente é tudo!

Por isso que o país está uma merda! Um cara desses era para estar lecionando numa universidade brasileira.

Um verdadeiro gênio!

Um escritor medíocre que engana até os franceses.

Eu dava para ele no primeiro encontro.

Não entendo de literatura, mas ele fala tão bonito.

Pesquisou no Google, combinando as palavras-chaves “classe”, “écrivain”, “professeur” e “Sorbonne”,

seguidas do seu próprio nome. Já o primeiro link o levou diretamente ao site da Université Paris IV Sorbonne, onde encontrou seu nome listado no quadro de professores convidados daquele semestre, tendo lhe sido dedicada uma página exclusiva com biografia, foto e até a sala e o horário das classes. Era absurdo, mas sua farsa havia não só se tornado palpável, como parecia assumir o exato contorno de como ele tinha imaginado e descrito. Ficou tão assustado que ligou o telefone e enviou um SMS a César, seu melhor amigo de outrora, resumindo o que estava acontecendo.

César sent: *Como assim não está em Paris? Voltou quando?*

Leonardo sent: *Não, cara, você não entendeu. Eu nunca estive em Paris.*

César sent: *Do que você está falando? Bia esteve com você na semana passada em Paris. Disse que tiveram uma longa conversa e que estão bem.*

Leonardo sent: *Como assim? Você tem estado em contato com Bia? Vocês nunca foram amigos. O que está acontecendo?*

Ao não obter resposta a suas últimas perguntas, voltou a guardar o aparelho desligado no criado-mudo. Sentou-se na varanda para fumar, ao nível dos transformadores, observando, através da melena de cabos e gambiarras, o bloco de gente movediça um nível abaixo. A calçada oposta onde, segundo fantasiava, seu

avô sentava-se para “pegar sol e pegar mulher” estava agora ocupada pela Ótica Ana, uma loja de celulares e a Vital Chaves.

Suponhamos que meu destino e minha consciência estivessem efetivamente com esse outro eu. Quem está vivendo nesta casa, então? Quem testemunha este cenário diante de mim agora?

21

Devido ao caos em seu mundo virtual e pessoal, Leonardo havia esquecido completamente o assunto do bilhete do avô, até que certa manhã, sentado num banco em frente à Igreja da Matriz, amigou-se de um mendigo de nome e sobrenome e fala empolada conhecido como Palíndromo Catatralha, um ex-engenheiro que anos atrás sentou-se no banco da praça para descansar e nunca mais se foi. Simplesmente, deixou-se tornar mendigo e já se iam três décadas assim. Apesar de inúmeras tentativas, nem esposa, nem mãe, nem filhos o convenceram a voltar para casa e um dia simplesmente pararam de visitá-lo, selando definitivamente sua condição de sem-teto. Tinha uma boa conversa e parecia saber mais sobre assuntos literários que qualquer outro no lugar. Ele, inclusive, acompanhava a coluna de Leonardo.

– Gosto muito do que você escreve no jornal. Você é um grão-mestre na arte da perfumaria da merda.

Simpatizou com a sua compreensão e sinceridade sobre o assunto e acabaram falando da fase estranha pela qual ambos passavam – Catatralha já havia décadas.

– Sabe como é, né, virar morador de rua não é uma condição, mas uma escolha. O que não temos é mais opções além dessas – só podemos escolher entre ser moradores de ruas ou de casas. Uma terceira via nos é negada, a não ser que escapemos ao sistema planetário, o que envolve certas complicações. Aí só nos sobra a bandida marvada, que é o “ctrl+alt+del” da minha existência.

Como eram quatro da tarde, Catatralha convidou Leonardo a lhe comprar um cafezinho, o que ele fez de bom grado.

– Eu só acredito em deus por causa do café – disse o mendigo, mexendo o açúcar.

O homem pareceu a Leonardo ter esclarecimento de vida, ainda que entre a erudição notável, misturasse fatos um tanto duvidosos, como a tal “Guerra do Aeroporto” na República da Micronésia. Segundo ele, tratava-se de um país tão pequeno que para construir o aeroporto precisou conquistar terras no país vizinho. Outras vezes, lançava uma frase tão iluminada que Leonardo memorizava para colocar no seu livro:

Precisamos de um acordo tácito para que uma mão reconheça a outra.

Ou:

Mudar de cidade é a melhor forma de desdobrar mais vida de dentro da vida.

Com frequência, entrava em transe com um discurso prolixo e complexo sem gradação entre os temas e aparentemente sem fim, sendo impossível a Leonardo memorizar qualquer coisa.

– Cada era tem a sua grande besteira vendida como verdade. Na nossa, essa grande besteira é o nacionalismo... Na Europa isso ainda faz algum sentido para os chatos e todo aquele orgulho da história, mas aqui, no meio de porra nenhuma, nada faz sentido... Quem se importa com esse lugar? Estamos ainda na Idade do Bronze por aqui. Olha só esses ônibus velhos. Mas a publicidade é indiferente em qualquer parte. Todo mundo é feliz no cartaz, seja um lugar feliz ou não onde o cartaz esteja pendurado. É por isso que eu sempre digo que em terra de cego quem tem um olho é rei e quem tem dois é aberração. Na radical separação entre a essência e a superfície, você escolheu o que, meu amigo? Por favor, não responda baseado no que não sente. Você é escritor. Os escritores estão aptos a aberrações ou só querem ser reis? O que tenho visto é que vocês fazem dos intelectuais europeus o mesmo que a revista *Caras* faz com as celebridades de tv. A foto de um escritor em preto e branco representa o fim da escrita. No futuro, a escrita será substituída por smiles animados e o resto será velharia. Entre o conformismo e a empolgação tendenciosa, como reagirá a tecnologia nas coisas do além? Porque a arte é ainda o único acesso

a determinados estados de espírito. Mas, com drogas e realidade artificial, no futuro teremos catálogos ou bibliotecas de sentimentos e poderemos escolher o que sentir sem necessidade desses intermediários, tal como já faz o sonho de maneira aleatória...

Não tardou muito, do meio de uma de suas digressões saltou um “generoso Seu Afrânio”. Leonardo imediatamente o interrompeu e perguntou quem era Afrânio.

– Foi um filantropo local. Não resistiu à crise e perdeu tudo que tinha, coitado.

– Você o conhece?

– É claro. Todos conhecem. É um colega nosso da rua há muito anos. Tinha imóveis antes de ser convidado ao estofado afetuoso da praça. Ele ajudou a turma aqui muitas vezes, sabe? Aí, quando apareceu sem nada, perguntando se tinha espaço, conseguimos cobertor, demos moral na comida e o melhor banco da praça. Sabe, né... a gente é fodido mas não é ingrato.

– Espera, o que quer dizer com “tinha imóveis”?

– Pois é, era um sujeito abonado. Tinha uns tantos edifícios pela cidade... Vê só? Ninguém escapa da ironia: alguém que tinha tantas casas vir parar na rua...

– E onde ele está?

– Ele anda desaparecido já tem uns meses. Não sabemos se está vivo. Sabe como é, né? Temos muitos incidentes pela noite aqui.

– Mas você não teria qualquer ideia, alguma coisa que pudesse me dar? É muito importante.

– Olha, a única informação segura que eu estaria apto a fornecer é que ele guardava os pertences com os senhores do bicho. Sabe, não? Os contraventores.

20

Diante do barracão aparentemente abandonado na Av. Getúlio de Moura estava o apontador sentado em sua carteira de colégio secundário carimbando talões com o resultado do jogo do dia. Leonardo foi direto ao assunto e perguntou pelo Seu Afrânio mendigo. Recebeu um “o que quer com ele?”.

– Ele foi amigo do meu avô. Queria conversar.

– Vou passar o recado.

– Então, ele está vivo. Ele ainda guarda as coisas dele aí?

O sujeito parou de carimbar, levantou-se enorme da cadeira e encarou Leonardo de cima a baixo.

– Quem é você?

– Cara, eu não quero problema. É só um assunto de família.

O apontador observou o rosto de Leonardo demoradamente, com uma expressão difícil de identificar, mas finalmente desblindou o peito e voltou a sentar-se na cadeirinha de escola com braço lateral.

– Se eu encontrar com ele, eu passo o recado.

– Mas você nem sabe o meu nome...

– Qual o seu nome?

– Leonardo, neto do Seu Ernesto.

– Ok, Leonardo neto do Seu Ernesto. Se eu encontrar com ele, passo o recado.

19

Leonardo deve ter achado brilhante a decisão de voltar ao barracão do jogo do bicho semanas depois, durante a madrugada, com um pé de cabra sob a camisa, após cinco visitas frustradas no estilo tradicional. *Ele ainda não deu as caras*, respondeu o apontador, já irritado, na última vez. Tentando fazer o mínimo barulho possível, arrombou sem habilidade o cadeado da porta de ferro e explorou o depósito com uma lanterna. Entre máquinas caça-níqueis, engradados de cerveja e restos de carros alegóricos do último carnaval, encontrou a carroça de mendigo coberta por uma lona azul. Precisou desatar os elásticos que prendiam a lona e abrir as várias caixas, retirar papéis velhos, louça antiga, álbuns de fotos e até santos de gesso para encontrar documentos confirmando com nome e sobrenome tratar-se dos pertences do Afrânio buscado.

Despendeu bastante tempo sentado no chão, lanterna na boca, conferindo documento por documento dentro das caixas. Uma hora ou mais sem encontrar nenhuma pista de seu paradeiro, apesar de ter-lhe parecido bastante interessante o conjunto de cadernos empilhados e presos por barbante. Uma leitura rápida no primeiro deles foi suficiente para compreender tratar-se de diários e não foi difícil encontrar o nome do seu avô citado várias vezes ali.

Quando estava prestes a sair, percebeu rumor de gente se aproximando pelo lado de fora do galpão. Conseguiu escutar uma mulher idosa explicando a alguns homens sobre um possível arrombamento. Eles confirmaram a suspeita da senhora ao empurrarem a porta e entrarem no barracão. *O padrinho não vai gostar nada disso não.* Acenderam as luzes e viram as caixas desarrumadas. *Porra, foi o Seu Afrânio, tava bêbado de novo o viado.* Os dois brutamontes vasculharam o galpão rapidamente e um deles, que Leonardo reconheceu como sendo o apontador de suas visitas formais à luz do dia, sugeriu chamar o padrinho. O outro não achava boa ideia acordá-lo àquela hora e ainda argumentou da maldade que certamente faria com o velho. Escondido dentro de um dos carros alegóricos, Leonardo precisou esperar pacientemente até providenciarem um novo cadeado e acabou cochilando na armação da gigantesca cabeça de um caboclo de madeira. Quando despertou, já de manhã, os homens tinham partido havia muito. Conseguiu escapar por uma das janelas do banheiro, levando consigo a pilha de cadernos.

18

Decretar falsa morte para os cinco mil amigos, mais seguidores, do Facebook era um passo importante e cada vez mais certo quanto mais Leonardo tomava conhecimento das interações reais dos amigos com seu doppelgänger. Agora, já com a certeza de não se tratar

da brincadeira de alguém, tentava descobrir quem era o impostor, sem muito sucesso. Sequer tinha a quem perguntar ou pedir ajuda sem se delatar. Fosse quem fosse, porém, conhecia a farsa suficientemente bem para aproveitar com precisão as lacunas deixadas por Leonardo. E lhe doía imaginá-lo sendo chamado para palestrar e escrever – e ganhando para isso – no seu lugar, frequentando as festas e jantares para os quais Leonardo foi o convidado, fodendo as alunas europeias que ele deveria estar fodendo, cheirando as carreiras de coca que moralmente lhe pertenciam, recebendo as bajulações que lhe eram de direito. Pior, mais dia menos dia a verdade viria à tona e descobririam seu fracasso como escritor e ser humano. Isso era o que mais o assombrava.

A ideia da morte lhe ocorreu depois de ver-se espelhado no YouTube. Era uma solução dura, mas talvez a única viável. Se por um lado acabaria com qualquer ambiguidade e o homem levando seu nome e a vida perfeita que ele deveria estar levando seria obrigado a desaparecer, por outro significava abandonar para sempre sua antiga vida e começar uma nova e anônima ali, em Meriti. Mesmo que ele, assumindo a identidade de um curador responsável por sua própria obra, garantisse a manutenção do nome e dos livros póstumos ainda por serem escritos, o Leonardo, como Beatriz e outras pessoas o conheceram, estaria morto e enterrado. E não teria sequer testemunha para provar o contrário, caso precisasse. Leonardo, figura de carne, estaria eter-

namente preso àquela morte de pixels. Mas seria uma morte honrada, um grande passo em direção ao épico suicídio no Sena, como merece todo escritor que deve ser lembrado. Todo suicídio é um crime passionai. E um suicídio virtual, que tipo de crime poderia ser?

Em uma entrevista qualquer, Jean-Luc Godard disse ver no nome SMS a sigla para “Save My Soul”, como se esta se tratasse de uma versão individualisticamente alterada do código S.O.S. Um pedido de ajuda para nos salvar do naufrágio no imenso oceano da solidão. Talvez estivesse certo. Talvez estejamos nos afogando e pedindo desesperadamente ajuda. Mas qual a eficácia de pedir ajuda a outros se afogando no mesmo mar? A solidão foi inventada junto com o indivíduo moderno, o conceito de subjetividade e os aglomerados urbanos. Foi vislumbrada na multidão por Poe e tornada humana por Flaubert. O SMS, como o WhatsApp, o Facebook, o Twitter, seria um pedido de ajuda, mas também um avanço na solidão: tridimensionalizamos a comunicação para aperfeiçoar os encontros, recusando-os aos entes imediatos e ofertando aos distantes. Já não buscamos o afeto no mais próximo, mas no mais adequado. Não nos interessa mais amar o outro tal como é, com suas diferenças e os desafios implicados nesse amor, dificuldade que nos obrigava a nos reinventarmos sempre. Diante da possibilidade da escolha, preferimos amar o mais fácil de ser amado, anulando sumariamente nossa capacidade de autocrítica. Ao final, estaríamos pedindo

ajuda de nós mesmos. Porque a solidão é só um encontro radical consigo mesmo.

Por isso foi tão fácil convencer a todos por tanto tempo da farsa parisiense. Estão tão sedentos de um salvador do outro lado da mensagem, que o interlocutor precisa ser alguém melhor que eles. Leonardo estaria matando apenas essa imagem de marfim talhada por ele, e disso estava consciente, mas temia que, uma vez destruída, não houvesse muito por trás dela. Ele mesmo não tinha muito a oferecer a si mesmo, além de um simulacro inútil erguido com o escritor.

Na impossibilidade de decidir pela morte dessa imagem, elegeu um caminho intermediário. Assim, antes de suprimir sua conta no Facebook, enviou essa mensagem para as pessoas mais importantes de sua vida, incluindo o seu editor e os jornalistas mais íntimos, destinados a espalhar a notícia:

Olá todos, quem escreve é um familiar de Leonardo Pontevedra. Ele encontra-se muito doente. Sofreu um quase afogamento no Sena e está internado em estado grave. Ainda não posso revelar em qual hospital se encontra, mas em breve trarei mais notícias de seu estado de saúde. A Universidade Paris 4 está colaborando com todos as despesas necessárias. Oremos por ele.

17

Depois disso, resistiu meses sem Facebook e Twitter, sem conferir, inclusive, as respostas àquela mensagem.

O contato cada vez mais raro com o antigo mundo. Até parou de escrever a coluna para o jornal devido à falsa internação, o que foi lamentado por muitos leitores nas cartas das edições seguintes.

E, com menos atividade virtual, passou a prestar mais atenção à sua volta. Quando há tempo para se ater às imperfeições de uma casa velha, percebe-se o que antes parecia não estar lá. O mundo se expande de si mesmo e torna grande o que era apenas detalhe, trazendo à luz o microcosmo de cada espaço: as ondulações no emboço da sala; a fenda sem fundo entre os tacos do corredor; as medalhas encontradas sob a poltrona de couro ressecado; o oratório de madeira esquecido sob a pia da cozinha; a poeira acumulada no tapete de ponta roída talvez por um rato ou cachorro; e até uma misteriosa sombra aparentemente sem origem, fixa em um ponto da casa.

– Sombra parada é exu preguiçoso – esclareceu Simão, olhando a sombra de vários ângulos.

Os quadros na parede pareciam significar algo que Leonardo não saberia decifrar: a pintura realista de um menino em lágrimas com olhar fixo para fora da tela, um casal de pé apontando para uma casa a distância, uma grande ilustração naif cheia de detalhes mostrando duas estradas terminadas uma na porta do paraíso, outra numa montanha em chamas, sobre as quais se lia “Os dois caminhos (Mateus 7:13)” encimado pelo olho maçônico. Tudo na casa parecia assumir uma individuali-

dade suprema e fazer parte de uma epopeia minúscula e sem narrador, complexa em si mesma, e completamente alheia à grande história do todo e da virtualidade que a tudo conecta. Um submundo de mundos em seu próprio mundo, com uma densidade diferente daquela do outro lado da porta da rua. O mistério habitante dos detalhes.

E, após superar os dias iniciais mais duros da abstinência da rede e da antiga vida da qual estava sendo privado, entrou de cabeça na tarefa inadiável de ler os mais de vinte cadernos que compunham a vida e a obra do tal Seu Afrânio.

16

Bem, como contar o que li naqueles diários? Não será fácil. Aliás, não foi fácil chegar ao final. Os cadernos traziam, preenchidos a mão, contas de imóveis comprados e vendidos, listas de doações a pobres de comunidades carentes inteiras, contas de arrecadações para obras de caridade, desenhos sem sentido, mas, sobretudo, relatos de mais de cinquenta anos de sua vida. Pareciam a versão satânica e menos brilhante dos diários de Leonardo da Vinci. Apesar da mistura, tinha uma organização rigorosamente cronológica, fazendo daquelas insanidades algo relativamente fácil de acompanhar. Isso só aumentou a minha sensação de estar lendo as perturbações mentais de um sociopata que saía por aí vestido de benfeitor.

Eu mesmo precisei me segurar para não ser tomado de ódio a cada página daqueles cadernos nos quais

meu avô terminou por ser grande protagonista. Sim, esse tal Afrânio humilhou meu avô por anos, fez dele um tipo de escravo afetivo, mandou e desmandou em sua vida com uma sobrenatural inteligência manipuladora e, quem sabe, talvez o tenha matado.

*Leonardo, me tire daqui. Te imploro.
Leve essa mensagem até Afrânio.*

Sim, agora sei que a mensagem não me pedia para solicitar ajuda ao tal Afrânio. Agora fazia mais sentido entendê-la como um pedido de intervenção junto ao seu algoz para deixá-lo ir. Mas como?

Passei dias e noites dedicado àqueles diários, trancado na mesma casa cuja cronologia eles desenhavam linha após linha. Nem atendi quando por várias vezes tocavam a campainha. Nem mesmo quando era Joyce e a promessa de uma foda relaxante. Minha mente estava possuída pelo desejo de meter uma bala na cabeça do canalha que escreveu aquilo.

15

Quase sem deixar a casa durante as semanas em que estive entregue aos diários de Afrânio, Leonardo descobriu com certo atraso o fato de estar sendo observado. Quando se deu conta, não sabia se era algo recente ou se já vinha acontecendo há algum tempo. Fosse na rua, no supermercado, nos banheiros públicos, mas

principalmente no sobrado, notava sempre alguém à espreita, como se houvesse um desconhecido vivendo naquela mesma casa, ocupando os espaços onde ele era ausente, movendo-se por dentro de sua sombra. Sempre às suas costas quando não estava olhando.

Várias vezes escutou gente entrar no apartamento e sentar-se no sofá. Ia até a sala e já não havia ninguém. Era comum portas baterem e interruptores serem desligados às pressas no exato instante em que pisava em casa. Numa dessas ocasiões, ao passar para o quarto vindo do banho, viu a porta do apartamento terminando de se fechar. Desceu às pressas as escadas do sobrado enrolado na toalha e deteve-se no portal da rua buscando no povaréu algum suspeito. Em outra, encontrou a cozinha remexida e um prato sujo sobre a mesa como se recentemente usado. Pela noite, escutava alguém caminhando pelo apartamento, apagando e acedendo luzes, movendo cadeiras, mas estava sempre muito sonolento para levantar-se. Não era um sonho como aquele de meses antes, tampouco tratava-se do visitante, o tal amigo do seu avô. Este sujeito era mais ágil e deslizava rápido para as frestas mal iluminadas.

Uma noite, Leonardo deixou a câmera do notebook ligada gravando enquanto dormia e no dia seguinte ali estava ele no vídeo. A princípio, só podia identificar uma sombra movendo-se ao fundo, saindo sorrateira pela porta da dispensa da cozinha ao final do corredor. Viu a luz indireta da geladeira iluminando a

calmaria noturna, ouviu a pia sendo aberta e o tilintar de utensílios a distância, para só meia hora de vídeo depois ver o homem aproximar-se pelo corredor até a sala e sentar-se no sofá, bem diante da câmera. Ali, com sua cerveja e seus pensamentos, agia tal como agiria o próprio Leonardo se estivesse desperto. E ao constatar que esse estranho era idêntico a si mesmo, reconheceu o homem das fotos com seus amigos em Paris. Não entendia como, mas ali estava o seu duplo, talvez tentando vingar-se dele por ter suspenso a conta no Facebook. Talvez, tentando tomar definitivamente o seu lugar. De qualquer maneira, foi conferir e não encontrou ninguém dentro da dispensa. Quem quer que fosse, estava agora em outro canto da casa.

14

A primeira vez que Afrânio sentiu pena foi no primário. Um menino caolho de apelido Esquerdinha soube pela diretora da escola, diante de toda turma, que o pai acabava de ser morto pela “esquadra”, tentando assaltar uma mercearia. Ela aproveitou o incidente para explanar aos alunos como o crime não compensava e como fatos desse tipo deveriam servir de incentivo para o caminho do bem. Esquerdinha não chorou ou esboçou qualquer reação, mas o silêncio foi ainda mais tocante para a sensibilidade de Afrânio. Voltou a ter o mesmo sentimento tempos depois ao assistir a um filme sobre um deficiente físico que a certa altura perde

a esposa. Naquele instante vislumbrou um lampejo do sublime e aquilo lhe trouxe grande excitação.

Suas buscas na vida depois disso se voltaram para um único objetivo: apiedar-se do próximo. Aquela sensação efêmera de sofrer pelo outro, ainda sem ser o outro, a injustiça e a miséria. Sentia um prazer quase sexual com isso, e efetivamente sua primeira ejaculação se deu ao ver os vizinhos, uma família inteira, serem despejados da casa por falta no aluguel. Ao vê-los ali sentados sobre seus pertences na calçada em frente, abraçando-se contra o frio, Afrânio viu-se esmagado entre a impotência da ajuda e a sensação vibrante tomando seu corpo até explodir na cueca. Na adolescência, se converteu ao catolicismo, enfurecendo os pais evangélicos. Mais tarde, buscaria documentários sobre países subdesenvolvidos, notícias de injustiças sociais, filmes de guerra ou qualquer tema envolvendo seres, humanos ou não, desprezados, entristecidos ou maltratados. Mal sabia ele, nesse momento, quanta miséria real tinha a sua volta.

Tornou-se grande fã de filmes e livros sobre os campos de concentração nazistas, conhecendo em detalhes as formas de tortura e humilhação aplicadas aos judeus. E, muitas vezes, fantasiou ser um soldado bondoso da SS que pela noite ajudava a aliviar a dor dos prisioneiros. Era viciado em programas de ajuda humanitária e, décadas mais tarde, não perderia nenhum episódio do quadro do Gugu Liberato no qual conhecia a vida de algum miserável sob trilha sonora

melodramática. Havia, no caderno mais recente, trinta folhas dedicadas apenas ao filme *Paixão de Cristo*, que viria a assistir mais de cinquenta vezes. Não gostava da violência explícita do filme, mas compreendia ser importante para ilustrar a dimensão do sofrimento. Passou a amar ainda mais a figura de Cristo.

Não se casou. Não tinha interesse por mulheres, homens ou o que fosse. Não do jeito como todos tinham. E, à sua maneira, interessou-se por eles. Tornou-se voluntário na paróquia local para poder ajudar os humildes. Saía na rua com outros voluntários atrás de qualquer animal ferido, criança faminta ou velho desabrigado. Sentava-se com eles, ouvia suas histórias, cuidava de suas feridas, atendia as necessidades. Gostava de encarar o lado mais elevado de cada indivíduo, esse somente manifestado plenamente na dor e na precariedade. Estava convencido de que só amamos alguém quando nos apiedamos dele. Se este é superior a nós, o invejamos e a inveja é um sentimento desprezível. Seria necessário reduzi-lo ao estado de algo que causasse compaixão para assim poder ser amado infinitamente.

Talvez por isso a figura mais marcante de sua infância tenha sido o seu irmão mais velho, acusado no diário de “ser incapaz de lhe causar compaixão”. Era arrogante e batia no Afrânio fraco e avesso à violência. Seu irmão não tinha classe ou humildade e não perdia a chance de humilhá-lo, fosse onde fosse. Mas o trágico acidente, no qual teve a cabeça esmagada por um caminhão des-

governado, o redimiui para sempre. Afrânio lembrava claramente o sangue do seu sangue esparramado pelo chão e o corpo sem vida, pedindo-lhe perdão.

Muitos brincavam, chamando-o de Santo Afrânio e, já na maioridade, tornou-se um grande filantropo, ajudando asilos, hospitais, prisões, manicômios, creches, orfanatos e mesmo comunidades inteiras, ganhando o respeito e coletando dívidas eternas de gratidão em cada casa de Meriti. Chegou a ganhar prêmio pelo seu serviço à humanidade, cujo valor em dinheiro ajudou a ampliar o negócio imobiliário que assumiu do pai.

Porém, ainda jovem, sua sensibilidade foi esmorecendo e cada vez menos conseguia penalizar-se por alguém. Justificou o fato pelo mundo estar menos sensível ao sofrimento. Ninguém mais se dava o direito de sentir-se lesado ou humilhado, ninguém baixava mais a cabeça para as injustiças: todos reivindicavam por seus direitos, lutavam pelo que precisavam. A miséria em si já não dava conta sozinha das pessoas, porque atribuíam sua origem à preguiça e à falta de iniciativa dos miseráveis. E assim, frustrado, e temendo envelhecer sem a compaixão nos ossos, elaborou por anos e investiu todas as reservas no seu plano mais grandioso: Ernesto – avô de Leonardo.

13

Na noite em que Leonardo finalmente terminou a leitura dos cadernos e resolveu sair de casa para tomar

algo, deparou-se com um alguidar de barro sobre o capacho de sua porta repleto de farofa e pipoca, cercada de velas vermelhas, fitas coloridas, moedas e outros símbolos desconhecidos por ele. O mais extravagante, no entanto, era a minitorre Eiffel de metal de aproximadamente quinze centímetros de altura fincada na farofa bem no centro do jarro. Deixou escapar um “puta que os pariu!”. E foi só juntar tudo para jogar o despacho fora, que Simão apareceu na porta em frente.

– Você não vai querer isso? Posso ficar?

– Claro – respondeu Leonardo, retirando para si a torre Eiffel do meio da farofa. – Mas você viu quem fez isso?

– Não. Apareceu ontem pela noite. Eu tentei te avisar, mas como você não atendia, deixei quieto. Só é pena que não deixaram cachaça.

Leonardo deixou a passagem livre para Simão, que recolheu o despacho com um “licença macumbinha”, desceu o sobrado às pressas, sedento por um trago e, ao cruzar a rua em direção ao bar, reconheceu o apontador do barracão do jogo do bicho vindo sorridente na sua direção.

– Olha só, e não é o neto do Seu Ernesto! Lembra de mim?

– Sim, claro, por quê?

Sentiu de imediato um braço envolvê-lo por trás numa gravata e o imobilizar. Foi quando o apontador começou a desferir murros na cabeça e no estômago de

Leonardo. *Isso é para você aprender a deixar de ser zé ruela*, disse enquanto lhe socava a cara com gosto. O outro soltou seu pescoço para ajudar o companheiro na sova e bateram o suficiente para deixá-lo sem consciência.

– Que porra é essa aqui? – disse o apontador, arrancando a torre Eiffel da mão de Leonardo.

12

Joyce encontrou Leonardo desacordado, jogado de bruços na escada do sobrado, com as calças arriadas e a torre Eiffel enfiada até a metade no ânus. Foi ela quem a retirou dali, levou-o para casa, cuidou dos ossos rotos e de sua cara inchada. Comprou remédios, trouxe comida, fez boquetes e arrumou o apartamento tão negligenciado de faxina. O filho esteve ali durante os dias brincando com carrinhos no tapete da sala para ela poder estar presente ao sair do trabalho. Leonardo ficou de cama por quase duas semanas. Nos raros momentos despertos, delirava de febre, fantasiando um futuro da humanidade em que o espírito fosse considerado tão físico quanto a carne. Nesse momento, os médicos saberiam curar o corpo intervindo diretamente na alma. E ele ria alto ao pensar em como esses homens do futuro ririam de nós, tal como hoje rimos dos homens do passado, que atribuíam a espíritos as ações invisíveis de vírus e bactérias, ainda que, exatamente como nós, esses homens futuros pragmatizariam e comercializariam a aura, os sentimentos sem nome e a mágica infável de existir.

Porque, tal como nós, ainda que estivessem no futuro da tecnologia, padeceriam no paleolítico do pensamento, reduzindo dinâmicas complexas às estruturas do mais básico senso comum. E depois de delirar e gargalhar sozinho com essas coisas, voltava a dormir, temendo a dor insuportável no ânus caso tivesse vontade de cagar.

11

Ele já conseguia andar quando segurou Joyce pelo braço ao vir do banheiro e lhe agradeceu com um beijo afetuoso. Esperou ela sair para o trabalho e resgatou o telefone do criado-mudo. Hesitou um pouco antes de discar o número de Beatriz. Nem naquela nem nas inúmeras tentativas seguintes a chamada foi atendida. Numa tarde, sentindo-se fisicamente melhor, deixou o menino sozinho com seus brinquedos e tentou ir diretamente à cobertura do Leblon. Como era feriado, não encontrou nenhum ônibus no terminal da Pavuna nem ninguém para perguntar se estavam circulando ou não.

Assim como essa, todas as tentativas seguintes foram incrivelmente frustradas. Por vezes sucessivas, voltava a casa decepcionado depois de caminhar com dificuldades até a Pavuna e descobrir que havia uma greve de transportes ou ficar perdido por um ônibus tomado errado. Fora as vezes do metrô colapsado, ônibus incendiado por moradores de alguma favela, o bairro em estado de sítio pelos cinco meninos fuzilados pela polícia, estradas obstruídas por protestos de moradores, guerra

de facções rivais, ou qualquer outra situação improvável que se somava às dores para mantê-lo preso no bairro. Cogitou mesmo ir andando até o Centro do Rio para tomar um ônibus até o Leblon, mas pelos seus cálculos isso levaria pelo menos dois dias naquelas suas condições. Mesmo quando resolveu gastar o pouco dinheiro na carteira em táxi, era surpreendido por alguma recusa dos taxistas em cruzar a cidade. Acabava adiando dia após dia a sua ida com a justificativa *amanhã tudo voltará ao normal*, e sentava-se com o filho de Joyce para ensinar-lhe algum truque de mágica.

Entretanto, não suportou a tensão e reativou sua conta no Facebook. Escreveu *Estou de volta dos mortos*, mas surpreendeu-se ao ver alcançar apenas seis likes. Frustrado, vasculhou o perfil dos seus amigos e, para sua surpresa, acabou descobrindo através de comentários e fotos que Beatriz estava de casamento marcado com César, seu antimeio amigo.

10

Eu sei, não sou a melhor pessoa para julgá-lo. Sou um dos maiores filhos da puta já noticiados! Talvez nem tanto quando se pensa nos banqueiros e nos políticos, mas sim, na minha escala, eu era um filho da puta dos grandes. Admito. Mas logo César, aquele gordo cínico e flatulento que não saía da minha casa se aproveitando da vida que eu aproveitava de Bia? Só de imaginar as dobras da barriga dele roçando aquela boceta rosada

que eu conhecia em alta resolução, dava vontade de socar alguma coisa. O cara basicamente roubou o meu bem mais valioso. E não só isso, ela estava apaixonada o suficiente para casar com ele. Inacreditável! Em breve ele, que nunca publicou nada, seria a nova revelação literária da cidade. Aposto.

Muita gente, talvez você mesmo, deve estar rindo de mim agora. E provavelmente eu tenha merecido isso, mas eu também tenho sentimentos. E, ademais, nem sempre fui esse filho da puta. Tornei-me pela força cinética que ajuda a fazer da falta de talento uma oportunidade. Porque, afinal, mesmo reconhecendo minha mediocridade, o prestígio seduz. E se você disser o contrário, eu o chamarei de mentiroso. Negar isso é fingir que não deseja ser admirado, invejado, alvo de amores incondicionais e da presta generosidade de todos.

A ausência de prestígio te joga num limbo de solidão, de desprezo, de descrédito, de falta de atenção e de cuidados. Então, eu não deveria ser o único responsabilizado por ter me tornado o magno canalha que sou. Era culpa também de todos os frequentadores assíduos do circo de vaidades que armei para eles, assim como foi culpa daqueles que me deram atenção só porque eu namorava a Beatriz Nikolopoulos, daqueles que não responderam a um email generoso de aproximação antes de eu ser premiado e aplaudido. Era culpa de cada crítico e editor que demonstrou falta de ousadia para enfrentar algo realmente inovador, enquanto esbanjava

generosidade com seus mediócrs eleitos, nos quais eu me incluía. Ou de cada aluna gostosinha de graduação que vinha sem calcinha às minhas palestras pronta para me dar no banheiro da faculdade só porque viu minha foto estampada no jornal, sem nunca ter lido o meu livro. E era culpa até de quem me acusava de filho da puta pelos mesmos motivos que eu faço agora, mas apenas porque queria estar no meu lugar. O filho da puta é o grande espírito de nosso tempo e, para existir, necessita da manifestação coletiva. Se o prestígio não viesse tão rápido, talvez eu tivesse me tornado um grande escritor.

Quando mais jovem, eu dizia *todos são artistas*. E dizia com sinceridade naquela época. Não que todos desejassem produzir “obras de arte”, mas todos compartilhariam dessa habilidade, tão cara aos artistas, de tocar a magia por trás do mundo. Todos, em um momento ou outro da vida, enfrentariam a difícil angústia de perguntar-se qual o seu papel nesse planetinha de merda, na periferia de uma galáxia periférica, dominado por macacos que sabem ler e escrever. O mesmo questionamento que gerou todos os livros já escritos e que nos leva a vislumbrar no ordinário algo surpreendente: a súbita compreensão do milagre de estar vivo e ocupando um lugar entre as coisas. Todos compartilhariam desse espanto. Então, por que alguns escolheriam ser artistas e outros não? A única resposta encontrada por mim foi: *o ego*.

O ego seria o combustível para levar adiante um projeto de vida no qual tudo estaria submetido à causa

da busca por essa energia, mesmo quando envolvesse sacrifícios. Até quando alguém dizia não conseguir fazer outra coisa, como se ser artista fosse uma condição, isso já seria o ego agindo sobre ele. Um ego especial, diferente daquele do mero egocentrismo; um ego generoso, até altruísta, que dissimularia em nós vocação e nos levaria a nos empenhar por uma causa muitas vezes fracassada, só para mostrar ao mundo essa poesia, comum a todos, mas muitas vezes só vislumbrada através da ação desse artista. Ele produziria o que todos já sabem, mas ainda não viram: um objeto notável, que à luz do dia leva todos a se admirarem com o óbvio.

Mas, se esse ego é a salvação, é também a perdição. É o que, por um balanço difícil de ser alcançado, pode nos deixar indiferentes. Da arte do artista também faz parte a sabedoria para buscar esse equilíbrio, para ser comedido e autocrítico ao ponto de duvidar de si mesmo e controlar o próprio ego. Mas poucos buscam ou te contam isso e foi justamente onde fracassei. O sucesso rápido faz isso, nos recusa o tempo necessário para encontrar a medida. E assim perdi a crença em tudo e tornei-me isso diante do espelho, uma imagem sem matéria, um esqueleto que parava em pé porque estava armado em si mesmo.

9

Cleber, frequentador da oficina de escrita de Leonardo, havia cumprido doze anos na prisão por ter matado o

seu doador de rim. Uma história longa, sempre dizia. Mas na realidade era possível resumi-la em cinco frases: quando precisou de uma doação de rim, o melhor amigo desde a infância resolveu ajudá-lo. O problema foi que depois da operação o doador o perseguia por todos os lados para saber como ele andava tratando o órgão. Chegou, várias vezes, a retirá-lo à força de um bar para não estragar o “presente”. Aí teve o dia em que Cleber bebeu demais e esfaqueou o amigo doador do lado de fora de um boteco. Depois disso nunca mais bebeu. Quando Leonardo retomou as oficinas, chegou até ele e perguntou se poderia fazer-lhe um favor naquela noite.

– Camarada, você me ajudou a terminar *O pequeno príncipe*, eu te ajudo a fazer qualquer coisa.

8

Nesse dia, Leonardo tinha despertado com excesso de cultura e o mundo lhe pareceu girar por uma série de combinações sinistras. Pela manhã, releu centenas de frases sublinhadas dos livros trazidos na mala e fez anotações sem um objetivo concreto. Pela tarde, reuniu Cleber e Simão para visitarem o Morro da Caixa D’água depois do pôr do sol, porque acreditava que Afrânio podia estar vivendo ali. A favela era reiteradamente citada nos diários e foi o lugar onde mais fez caridade quando podia dar-se a esse luxo. Antes de terminar o caderno mais recente, havia mencionado um barraco que os moradores da favela estavam construindo em mutirão para ele sair das ruas.

Apesar dos alertas de Simão de que era uma péssima ideia ir armado a um dos lugares com mais traficantes na cidade, Cleber trazia o seu 38. Simão elegeu o seu gato mais irritado e o levou dentro de uma casinha de madeira. Quando chegaram lá, foram até o boteco na entrada da favela e perguntaram pelo Seu Afrânio.

– Para saber qualquer coisa tem que falar com o Igor, da boca – disse o dono da birosca.

Foram até a boca de fumo onde encontraram quatro adolescentes ostentando fuzis maiores que os corpos magros sem camisa. Cleber logo puxou o sotaque para o dialeto local e se apresentou a Igor, explicando quem buscavam.

– E coé desse prayboy aê? – falou Igor apontando para Leonardo. – Cês são amigo do velho?

– Sim, estamos até trazendo um presente – respondeu Leonardo, mostrando a caixa do gato levada por Simão.

O garoto aproximou-se do respiradouro da casinha de madeira para ver por dentro, mas pulou para trás quando o gato meteu a pata cheia de unhas por fora do buraco. Os seus companheiros na boca de fumo começaram a rir.

– Porra, esse gato é irritado pacaralho, hein! Tomá nu cu, viado, quase me cegou, porra!

– Foi mal – disse Cleber –, é pro Seu Afrânio amansar.

– Eu divia dá é um teco nele, isso sim. Filhos das putas. Vai lá, porra, passa pra falá com o velho. Tá lá

no alto, perto do matagal. E diz que se eu vê esse gato se mostrando por aqui, pegando piriquito dos tio, vou meter um cabeção de nego no cu desse viado. Vai ser tripa na comunidade toda, arrombado de sataná, desgraçado do caralho.

7

A dedução de Leonardo estava correta. O barraco no qual Afrânio vivia, presente coletivo dado por alguns moradores a quem ele tinha ajudado antes, era no pior lugar da favela. A parte mais alta, mais remota e pobre, onde as casas ainda eram de tábuas e lata, com terra batida sem assoalho.

Quando se aproximaram do barraco, perceberam o rumor de gente. Apesar de as janelas estarem fechadas, via-se luz pelas frestas da madeira. Eles se prepararam e se colocaram contra a parede ao lado da porta, Cleber com o 38 engatilhado e Simão com o gato em punho. Leonardo bateu na porta, mas nem precisou esperar. Ela estava só encostada e se abriu sozinha com a batida, o que foi interpretado por Simão e Cleber como um sinal para invadirem, empurrando Leonardo para o lado. Cleber já entrou chutando o que encontrava, derrubando panelas, pratos, canecas, e Simão buscou alguma coisa para ameaçar com o gato a sua frente. No minúsculo barraco de um só cômodo, as peças da cozinha se amontoavam numa prateleira por cima da cama e da pia imediatamente

ao lado. Em um dos cantos havia uma cadeira, a única no barraco, e lá estava sentado o velho, olhando para eles sem entender nada daquilo. Leonardo perguntou:

– Você é Afrânio?

O velho consentiu e Simão jogou o gato em cima dele. O animal, assustado, cravou suas unhas na pele frágil de Afrânio para conseguir firmeza e depois escapou pela porta. Simão ainda tentou agarrá-lo, mas já era tarde.

– Depois ele volta para casa – justificou.

O velho curvou sobre si mesmo, coçando as feridas de unha, que começavam a sangrar.

– Quem são vocês? Que querem de mim?

– Cala a boca – disse Cleber, apontando a arma para ele. – Nós é que fazemos as perguntas aqui, seu pau no cu!

Leonardo disse a Cleber para acalmar-se e baixar a arma. Voltou-se para o velho e disse:

– Você não me conhece, mas deve lembrar do meu avô.

O velho tossiu algumas vezes antes de responder.

– Ah, então você é o Leonardo. Ouvei dizer que estava me procurando. E você – falou apontando para Simão – é o filho da Dona Odete. Está maior do que lembrava.

– E você andou diminuindo bastante – rebateu Simão, orgulhoso de sua engenhosidade linguística.

Afrânio tossiu ainda mais e pediu ajuda para levantar.

– Aceitam um café? – perguntou, caminhando com dificuldade em direção à pia. Todos se entreolharam desconfiados, mas acabaram aceitando. – Por favor, fechem a porta. Não precisamos que toda a favela saiba de nossa conversa.

Um lento e trêmulo Afrânio colocou água para ferver, desdobrou uma cadeira de bar guardada entre o fogão e a geladeira e convidou Leonardo a sentar-se. Aos outros ofereceu assento na cama, pois não tinha mais cadeiras. *Tô bem de pé*, disse Cleber, mantendo o ar de durão. Afrânio voltou à sua cadeira coçando as feridas.

– Foi você que mandou aqueles caras? – Leonardo inquiriu.

– Caras? Que caras? Ah, já sei... Por isso essa violência toda? Por que diabos você acha que eu faria uma coisa dessas?

Leonardo deu de ombros, um pouco desconcertado com a resposta, e o velho continuou:

– Isso foi coisa do bicheiro. Ele tava puto da vida de terem entrado no depósito dele. Não precisa ser da Zona Sul pra juntar lé com cré e saber que foi você que foi lá mexer nas minhas coisas... Quase sobrou para mim, sabia? Até acho que você mereceu. Tem que ser bem burro para fazer isso. – O velho parou de falar e riu, mudando de assunto: – E sobre a torre Eiffel? Foi verdade?

Leonardo olhou para os outros, que pareceram não se inteirar e desviou o assunto.

- E por que o despacho?
- Despacho?
- Ah, qual é? Vai dizer que não está por trás disso também?
- Eu?
- Não se faça de sonso. Meu avô deixou uma mensagem. Sei bem quem você é.
- Rapaz, quantas vezes tive você de menino em meu colo quando sua mãe vinha cuidar do apartamento. Me chamava de tio Frânio... lembra?
- Não me interessa. Você sabe bem que eu vim vingar o meu avô.
- Pelo quê?
- Não desconfia?
- Na verdade, não imaginei que dava pra vingar alguém que você nem conheceu.
- Se era parente, já dá para vingar! Então, pra começar, você comprou o terreno do meu avô por um valor bem abaixo do preço.
- Isso faz tanto tempo.
- Foda-se!
- Ele aceitou, né? Era adulto. Não coloquei uma arma na cabeça dele como vocês tão fazendo comigo agora. E você sabe que o valor se devia a um acordo. Era algo normal na minha época. Acho que hoje ainda fazem assim. Eu pagava mais barato no terreno, e em troca ele tinha facilidades e descontos para comprar o apartamento no sobrado que construí ali. Eu levei

quase vinte anos para ver todo o meu dinheiro, se você quer saber.

– Você sabia que ele não podia pagar, porque baixou excessivamente o preço do terreno. Depois o convenceu a comprar o apartamento, mesmo sem dinheiro. Foi a oportunidade que você teve de fazê-lo dependente de você. Como ele estava sempre em dívida, você o tornou seu escravo.

– Escravo?! Do que você tá falando?! Eu cuidei dele. Ele estava num estado lamentável no final da vida, mal podia se mexer.

– É, mas foi você que estragou ele todo por dentro. Envenenava a comida. Não pensa que sou imbecil. Eu li os seus diários.

A chaleira começou a apitar. *Só um minuto*, disse o velho. Levantou-se e passou a água fervida no pó com gestos medidos e pacientes, fazendo o barraco ser tomado por um odor agradável de café torrado. Com as mãos tremendo de velhice, serviu o café em canecas de alumínio amassadas e copos de requieijão e entregou aos seus visitantes. Depositou o bule na pia e voltou com o açucareiro servindo a cada um deles, que a essa altura já tinham desistido de beber qualquer coisa preparada por Afrânio. Voltou a sentar-se mexendo o café e tossindo.

– Se alguém tem culpa de ter se dado mal na vida, Leonardo, foi o seu próprio avô. Ele jogou o destino fora quando trocou aquele cavalo pelo terreno.

O avô de Leonardo, filho de imigrantes galegos, tinha vindo do fim do interior. Atravessou quatro estados a cavalo, único bem herdado do pai, em direção ao Rio. Seu objetivo era chegar à capital e fazer dinheiro para visitar outro país. Delirava dizendo que um dia conheceria a França. Porém, ao chegar às bordas da cidade, Ernesto conheceu o notário com quem fez o que acreditou ser excelente negócio. Trocou o cavalo por um terreno no centro de Villa Meriti, pequeno bairro com capela em expansão e uma linha de trem com a qual se podia alcançar toda a cidade – sem ter noção do quão grande a metrópole carioca efetivamente era e seria –, e ali construiu um barraco rodeado por hortas e teve uma filha de mãe morta no parto.

– O seu avô era burro e foi enganado.

Faltavam ainda alguns metros para estar dentro do município do Rio de Janeiro. Em sua imaginação de homem com pouca instrução, mesmo sendo o final da capital, um dia a cidade chegaria e seria tão próspera ali como era no centro e ele prosperaria com ela. A cidade efetivamente chegou, mas não a que esperava. Logo descobriu como essa era mais pobre, atrasada, crescendo tão vertiginosamente quanto mais miserável se tornava. Depois de vinte anos, deprimido e abalado por seu sonho naufragado, Ernesto viu a oportunidade de vender o terreno a Afrânio para a construção do sobrado.

– Foi aí que você se aproveitou, né? – disse Leonardo.

– Escute, Leonardo, nem tudo na vida são trocas de interesse. Eu amava muito seu avô. Eu cuidei dele como de um irmão. E sua mãe? Onde estava nessa época? Sequer vinha visitá-lo. Sequer sabia como ele estava mal. Era eu quem comprava os remédios, era eu quem lhe dava comida e limpava a merda dele. Eu acompanhei cada dia de seu sofrimento por anos. E nunca pedi nada por isso.

– Besteira, cara. A única coisa que você amava era ver ele sofrer. Você é um perverso. Foi tudo planejado, desde o princípio. Você só construiu o sobrado porque fazia parte do seu plano doente. Você bolou tudo em detalhes. Se aproximou dele, descobriu suas fraquezas, manteve ele constantemente endividado. Até a planta baixa do edifício você fez em função disso. Cuidou para que fosse seu vizinho de porta, para que você tivesse acesso livre a sua casa e o tornou seu dependente quando ele já estava sozinho... você elaborou tudo isso durante o que, vinte, trinta anos? Você esperou esse tempo todo para um dia fazer dele alvo do seu sadismo, manteve ele preso à cama com esses remédios todos que dizia ajudarem.

O velho calou-se diante da quantidade de informações que parecia ter aquele Leonardo ali parado apondo os olhos para os olhos dele. Leonardo perguntou:

– Que tipo de coisa é você?

O velho tomou o resto do café pausadamente, fazendo um ruído desagradável. Depois que o último gole desceu pela garganta, respondeu a meia voz:

– O tipo de coisa que só existe em lugares como esse... É uma pena que você veja tudo assim, reduzido à mesquinhez, porque parece muito pior.

Leonardo levantou-se e caminhou sem pressa pelo barraco, observando os poucos pertences do velho organizados em pequenas prateleiras. Até a roupa dividia espaço com as panelas e produtos de limpeza. De relance, viu Simão guardando no bolso o pente sobre a pia. Parou ao lado de Cleber, pegou sua arma, abriu o tambor, contou as balas, fechou e girou o tambor, sentiu o peso da arma na mão, apontou para uma parte do barraco, olhando pela mira com um olho fechado, fez a arma girar no dedo estilo velho oeste e a devolveu a Cleber. Voltou a sentar-se diante do velho, retirando o papel do bolso.

– Ele deixou uma mensagem escondida. *Leonardo, me tire daqui. Te imploro. Leve essa mensagem até Afrânio.* Ele já estava muito mal para escrever alguma coisa com sentido. Mas eu entendi a mensagem e o quanto estava desesperado. Infelizmente o tempo dele acabou antes que alguém encontrasse isso. Aqui está – e abriu o papel –, mensagem entregue. Agora ele está livre. – E jogou o bilhete no colo de Afrânio.

Após observar longamente o papel sem se mover, o velho falou calmamente:

– Leonardo, você não entendeu. Este bilhete não é a mensagem. Ernesto estava pedindo que você trouxesse a verdadeira mensagem para mim.

– Ah, é?! Então me explica qual é a porra da mensagem, então? Se você soubesse, ela não precisaria ser entregue, né? Não é essa a lógica de uma mensagem? Ser entregue?

– Nem todas!

Afrânio começou a tossir e rir ao mesmo tempo e sem parar. Leonardo fez sinal para Cleber, que colocou o revólver na cabeça do velho. Como o velho continuava rindo sem se importar com a arma, Cleber apontou para o saco.

– Vai ficar aí sangrando, velhote, até amanhã. Dói, hein, posso te garantir.

Afrânio balançou a cabeça positivamente e segurou a tosse.

– Vou perguntar de novo – disse Leonardo –, qual é a mensagem?

– Você! – respondeu sem rodeios.

Leonardo piscou várias vezes tentando se forçar a entender.

– Além de escroto é burro. Você quer dizer que eu sou o mensageiro?

– Não faz diferença. O mensageiro era o verdadeiro sentido da mensagem ter sido escrita. A mensagem era só uma desculpa para trazer você aqui. O único objetivo do bilhete era que você viesse ficar no lugar do seu avô. Eu sei porque eu vi ele escrever. Fui eu quem enfiou isso numa rachadura entre o rodapé e a parede quarenta anos atrás. Se ele

está livre agora, como você diz, é somente porque você está aqui.

Leonardo levantou-se num salto e a cadeira girou sobre um dos pés, caindo de lado. Ao ver a resposta do velho incomodar o amigo, Cleber perguntou se ele queria uma bala no joelho de Afrânio. Sem responder, Leonardo levantou a cadeira e voltou a sentar-se.

– Por que meu avô faria isso?

– No dia em que ele implorou, pedindo que eu o matasse, ele me prometeu que o neto que tivesse viria viver no sobrado. Ele estava muito triste. Não aguentava mais estar preso à cama, as dores, nem mesmo depender de mim...

– Espera aí, que porra é essa? Como ele poderia saber que teria um neto anos depois? E como sabia que eu me chamaria Leonardo?

O velho deu de ombros.

– Como vou saber? São coisas que não se explicam.

– Minha mãe sabia dessas coisas?

– Não acho que sua mãe soubesse de nada relacionado a ele. Quase não apareceu nos anos que ele esteve vegetando. Veio dar adeus quando lhe avisei que estava nas últimas e voltou só meses depois para pegar as chaves do apartamento. Nem no enterro ela apareceu. Ficou tudo por minha conta. Esse era outro motivo por que seu avô quis partir. E ele desejava muito isso, desejava desaparecer. E eu não suportei ver ele assim. Precisei fazer alguma coisa...

– Então, você realmente o matou...

– Não, claro que não. Deixei o remédio com ele.
Em troca, pedi que ele escrevesse esse bilhete.

– Por quê?

– Porque eu precisava de alguém que eu pudesse continuar cuidando e amando. Se ele fosse, eu ficaria sozinho. Eu só podia deixar ele ir se eu tivesse alguma garantia de que alguém o substituísse. Ele aceitou sem problemas. Mas você demorou. Mesmo depois que veio ao mundo, seu destino foi diferente do prometido por seu avô. Não precisou vir morar aqui. Ficou ilustre. Não é o tipo de gente que precisa de minha ajuda para nada.

– Sua concepção de ajuda é doentia, cara.

Leonardo levantou-se e chamou os outros para irem embora.

– Agora que o cativamos? – disse Cleber sem mover-se. – E se jogarmos água fervendo na cara para mostrar que nos tornamos eternamente responsáveis por ele?

– Deixa para lá – disse Leonardo –, não quero dar razões para ele viver o pouco que tem de vida com pena de si mesmo. Só íamos fazer a felicidade dele.

6

Quando caminhava no barraco do velho com a arma na mão, me ocorreu a solução de colocar um balaço na minha própria cabeça. Mas não pude, mesmo quando me vi apunhalado pelo meu próprio avô. Sim, foi cruel

descobrir no pedido de ajuda dele a traição contra um descendente que sequer conheceria. Ele me condenou, com aquele bilhete infernal, a ser jogado em um ciclo que só se fecharia quando ele se libertasse, duas gerações depois, através do meu sacrifício. Eu, provavelmente seu único parente vivo, não era mais que o pagamento de uma dívida. Talvez ele tenha sugerido o nome “Leonardo” a minha mãe antes de morrer, como um último pedido. Talvez ele tenha dito que nunca vendesse o apartamento para que um dia eu vivesse nele. Meu caminho esteve sempre preso àquela narrativa circular enterrada na parede. Seria possível poder fugir a essa designação?

E seria possível escapar às formas predeterminadas do destino de cada um sem burlar a nossa própria natureza? Pois agora sei o quanto estive enganado: o desejo pelo êxito não me tornou o filho da puta que vos escreve. A própria filhadaputice manifestou-se quando viu a chance, assim como a “bondade” de Afrânio nunca o deixou ser mau. Apenas assumi sem duvidar o erro já previsto na minha estrutura helicoidal. E ver naquele homem um reflexo moral estranhamente invertido de mim mesmo foi cruel o suficiente para confirmar essa como a coisa certa a ter sido feita: meter uma bala no meu crânio. Porque o altruísmo vilanesco dele eliminava qualquer possibilidade de balancear o meu egoísmo no mundo.

Cresci com essa promessa de um ser humano capaz tanto de boas como de más ações. Isso seria um equilíbrio confortador. Mas ali, naquele barraco de madeira em ple-

no Morro da Caixa D'água, percebi: o cálculo não fecha. O ser humano corresponde de maneira desigual em sua balança de troca com o mundo. Na prática, isso não é novidade, retiramos da natureza mais do que doamos de volta. Mas nunca cogitamos que, mesmo teoricamente, somos incapazes dessa compensação. Fazemos mal a nossa própria espécie e ao mundo de maneira equivalente, isso sim é certo, mas, ao fazer o bem, só podemos fazê-lo a nós mesmos. As guerras, a injustiça, a miséria, a exploração desenfreada, a poluição, o esgotamento de recursos prejudicarão de maneira igual a nós e ao meio, enquanto o considerado belo ou bom, como a arte ou a caridade, só servirão à espécie humana. Não temos – certamente para o bem deles – a capacidade de melhorar a vida dos demais seres à nossa volta. No máximo, corrigir algum mal feito, como recuperar uma floresta ou proteger uma espécie em extinção. E, afinal, só o faremos porque a nossa própria espécie estará em risco. E mesmo essas boas ações não deixam de, em algum nível do desenvolvimento de suas consequências, gerar resultados desastrosos para todos.

Em poucas palavras, estamos nativamente condenados pelo desequilíbrio, nos fazendo sempre retirar mais do que dar, em um movimento cuja única função é esgotar a própria energia. E se nós, homens desse século, ainda acreditamos na arte, no belo e no cuidado com o outro como elementos salvadores, estamos fodidos, pois até nisso temos falhado grosseiramente. Quão poderosa poderia ter sido a palavra de Radovan Karadžić para o

mundo não fosse o poeta suplantado pelo criminoso de guerra? Terá a guerra feito dele um sanguinário ou a própria guerra é só um verso nesse grande poema da morte? Difícil responder. Mas pressinto que até mesmo o benefício trazido pelo mais íntegro, ético e dedicado escritor existente não poderá compensar minimamente o impacto do papel consumido pela impressão do seu livro.

Além disso, de pouco serviriam seu texto e seu exemplo moral. Tantos livros inspiradores no decorrer da história do mundo, tantos tratados filosóficos desmembrando a realidade para encontrar a perfeição, tantos versos desvelando a vida em sua perfeita pureza, e tão poucos aprenderam alguma coisa com eles. E a maior prova de que realmente não podem nos ensinar nada é que, fosse possível, todo crítico estaria mais próximo de um xamã iluminado do que de um acumulador de teorias.

O bem e o mal afinal são só uma questão de vocação para a violência. E como a aceitação da violência tem um valor relativo à disposição do momento histórico, os dois às vezes se confundem. Por isso minha vida é uma fábula moral e essa minha história naquela cidade violenta ofenderá os afortunados. Não há moral no mundo além da própria violência. A violência nos faz humanos. E se somos incapazes de produzir ainda mais violência, violentamos as máquinas ao fazê-las também humanas. Por isso fizemos fronteiras imaginárias aqui e ali e depois criamos a guerra para provar que eram reais. Para que a violência nunca se esgotasse.

Leonardo acessou seu Facebook no dia seguinte logo cedo. Quase ninguém mais comentava suas postagens depois da recuperação. Escreveu longamente sobre sua internação, mas recebeu somente o like solitário de uma desconhecida. Vasculhou perfis de amigos e não havia qualquer menção a ele, nenhum desejo de melhoras, nenhum fragmento publicado em sua homenagem, nada. Buscou em vão no Google por alguma notícia em jornais, alguma nota nas colunas sociais, algum comentário aleatório em blogs sobre sua melhora. Era como se estivesse morto havia anos depois de quatro meses ausente das redes. Escreveu para as pessoas em particular, mas não obteve quase resposta. Um ou outro dizia algo vago como *seja bem-vindo* ou *parabéns*, como se se tratasse de um estranho. Recebeu até uma resposta perguntando quem era ele. Os editores já não respondiam, os jornalistas já não se interessavam, os amigos já não existiam.

Logo encontrou uma explicação razoável para a questão. Havia agora uma fanpage “oficial” sua já com sete mil seguidores e bastante movimentada, na qual o seu impostor comentava os mais diversos assuntos e publicava frases de efeito do tipo *a obra que tenta provar alguma coisa só prova o próprio fracasso da obra*. Na lista de seguidores, muitos estrangeiros, professores e escritores de renome mundial. Ele já anunciava até o seu novo romance, escrito diretamente em francês. Todos os seus amigos e inimigos haviam migrado para lá e cada

post recebia em média mil likes. Talvez por isso, os místicos algoritmos do Facebook já não o ajudavam em seu próprio perfil recém-reativado, mantendo-o fora da existência. Mas, ainda pior do que descobrir essa sua fanpage falsa, foi ver fotos de Bia no perfil de César, os dois abraçados, excessivos em afeto, como ele mesmo nunca esteve. César agora era o novo alvo das atenções, chegando a assumir sua coluna no jornal.

4

– Uma tarde, no trabalho – disse Joyce enroscada no lençol –, quando você estava de cama, eu vi pela janela um homem parado do outro lado da rua. Primeiro, pensei que era você. Mas não era. Parecia com você, mas era outra pessoa. Eu tenho certeza, porque você não conseguia sequer sentar na cama naqueles dias. Mas tinha o mesmo cabelo, a mesma barba, a mesma cor de pele e olhava para mim como você me olha. Mas... os olhos por trás do olhar, sim, eram diferentes. Deu medo.

Leonardo fumava debruçado contra a janela, soprando nicotina e alcatrão na escuridão da rua. A sensação de perseguição era ainda presente e sentia alguém o observando de algum ponto no edifício em frente.

– Acho que uma vez até trepei com ele pensando que era você – disse ela, espreguiçando-se felina pelo corpo.

Tive um princípio de ereção, mas afastei o pensamento. Joyce tratava uma cândida crônica, trazida por anos e que passou para mim, deixando meu pau todo rachado. Já fazia uns dias que não podíamos trepar sem sentir dor. As inconveniências de se relacionar com alguém de poucos recursos. Bia nunca teve isso. Aliás, ela beirava a perfeição se comparada àquele projeto de mulher à minha frente. Até a merda de Beatriz tinha um odor melhorado. Para ser sincero, até mesmo as periguetes da Zona Sul tinham as bocetas mais cheirosas e asseadas, herdadas de sua genética ligada diretamente à conta bancária. E se por acaso tinham o HIV, eram vírus mais limpos que os dessa gente se infectando como vacas. Sem poder trepar, Joyce era só uma pessoa chata pronunciando sentenças aleatórias.

E entre essas sentenças, uma lhe chamou especial atenção:

– E se fôssemos morar juntos? – disse debruçando-se na direção de Leonardo. – Eu trazia o Henrique e internava mamãe numa casa de repouso. Eu poderia pagar se alugasse a casa dela.

Leonardo parou de escutar. Tremeu diante da chance iminente de compartilhar a vida com Joyce como compartilhou alguma vez com Beatriz. Naquele instante, desejou ser outro e adiar o feminino. Esquecer todas aquelas mulheres fodendo em revistas pornôs que passaram pela sua vida e nunca souberam.

Ou machucar aquelas por quem jamais se interessou. Dedicar-se à arte de elaborar furadeiras-pênis e outros maquinismos pesados de foder e de maldade para sodomizar recém-casadas. Queria destruir tudo o que era puro para aquela gente estrangeira com quem vinha convivendo. E, sobretudo, queria mandar Joyce embora. Desejava a sua antiga vida de volta.

– Como você consegue ser tão abjeta? Pelo amor de deus! – deixou escapar instantes antes de Joyce começar a chorar.

Não esperava que ela se ofendesse. Sequer imaginou que soubesse o significado de “abjeto”. Deixou-a no quarto com a maquiagem borrada sob os olhos e caminhou até a Pavuna. Quando chegou lá, continuou caminhando. Fez surgir sob os passos uma sequência de sucessivas ruas, montando esquina a esquina um mapa movediço de vias estendidas eternamente atrás e adiante. E assim, uma rua ia cabendo na outra. Como partitura da própria música, surgia uma sinfonia conectando essas a todas as outras ruas no mundo. Um quebra-cabeça, montado peça a peça nos pés, desvendando-se no caminho de retorno a um possível passado seu. Amanhecia quando finalmente chegou a Coelho da Rocha. Mas não se deteve e continuou seu caminho pela Av. Automóvel Clube, atravessando toda a Zona Norte até chegar ao Centro do Rio de Janeiro sob o sol do meio-dia. Exausto, com fome e dores nas pernas, não se deteve. Seguiu

tenazmente sem paradas até alcançar, depois de um total de quase nove horas de caminhada, o edifício de Beatriz no Leblon.

3

O porteiro já não era mais o da sua época.

– Estão dizendo aqui que ela não pode atender – gritou o homem com o fone na mão de dentro do edifício para Leonardo, agarrado à grade de entrada.

– Fala que é o Leo, o ex-namorado dela. Eu já morei aqui. Diz que é urgente.

O porteiro voltou com a resposta.

– Estão dizendo que não é possível, que o Leo já está na Europa.

– Porra, se ele está na Europa, então quem sou eu? Voltou a perguntar pelo fone.

– Diz que não sabe quem é você, mas que podia ser até Jesus ressuscitado que Dona Beatriz não vai atender porque está ensaiando para um concerto.

Leonardo decidiu ir até o bar preferido dos seus anos de Leblon, onde certamente àquela hora já encontraria algum amigo de copo. Os garçons não eram os mesmos e não viu ninguém de sua época. Foi até o edifício do Viton, amigo que meses antes pediu para hospedar-se em sua casa em Paris, sem ter recebido resposta.

– Diz, porra, que sou eu, o Leo.

O porteiro, gentil, até o deixou entrar na portaria.

– Ele diz que não conhece nenhum Leo, Senhor.

– O Leo Pontevedra escritor.

– Tá falando aqui que o único Pontevelhas que ele conheceu uma vez tá cagando para os amigos e para esse país aqui.

– Mas ele não pode sequer me atender?

– Não.

Tentou telefonar para outros amigos, mas suas tentativas eram sempre frustradas. Mesmo quando conseguiu falar diretamente com algum deles, não podia convencê-los de que não os havia encontrado quando visitou o Brasil anteriormente. *É a primeira vez que volto ao país; não sei quem passou por você e não disse oi; como assim eu disse que já tinha comido a sua mulher?; eu nunca falei mal do seu livro; eu nunca disse que sua amizade já não tinha nada a me oferecer, eu jamais diria algo nesse estilo.* E desligavam imediatamente após cada uma de suas explicações. Alguns nem perguntavam nada, apenas desligavam tão logo ouviam sua voz. Pessoas com as quais tinha contato quase diário e era como se nunca tivessem se conhecido. Na quinta tentativa para César, o amigo atendeu e ficou surpreso ao ouvir a história dele.

– Como assim? – perguntava César. – Estive com você há menos de duas semanas e você me disse que tinha voltado para pegar suas coisas e que ia viver de vez na Europa, que não voltaria mais. Mudou de ideia? Cara, você tinha me jurado que não estava com raiva da gente...

– Vai tomar no cu, sua bola de sebo! – dessa vez foi Leonardo quem desligou, na cara de César.

E assim, sem mais, Leonardo soube: jamais veria Beatriz novamente. A mulher com quem viveu e por quem se desesperou se convertia em memória. Nem se despedir foi possível. O seu duplo já o havia feito, retirando-lhe o direito de olhar nos olhos dela uma última vez e lembrar-lhe dos planos para o filho, agora eternamente natimorto. E agora esse filho era somente um menino sombrio despedindo-se dele, de longe na esquina, com um aceno de mão. Uma sombra rarefeita, sumindo, sumindo junto com o rosto de Beatriz, cada vez mais triste.

Leonardo pensou até em esperar diante do prédio para interceptá-la na rua, mas desistiu. Se o passado é uma história que inventamos para nos tornar reais, preferia ficar com a mentira da antiga felicidade para não sumir de vez. E assim, assumiria sem medo o risco desse passado sem futuro. E faria do tempo um livro de apostas, para contradizer qualquer deus decidindo quem nasceria fadado à alegria ou à tristeza. Assim, como um deus sacana qualquer o amaldiçoou a enxergar o pior onde outros viam maravilhas, ele o amaldiçoaria a ser contrariado. Esse deus se veria então ofendido pela sua decisão de não mais seguir a marcha humana da busca pelo extraordinário, e tampouco de se deixar resignar com o ordinário, mas deslizar suave pelo infraordinário escondido nas dobras do real. E estava decidido a andar sob a sombra das coisas, como se não existisse, mas presente o suficiente para intervir na história – e se possível, estragá-la. Sentado num

banco diante do edifício de Beatriz, Leonardo esforçou o ouvido por sobre o farfalhar das árvores, atento para escutar o ruído do tempo ao passar. Beatriz já não estava mais ali dentro, nem em lugar nenhum.

2

À noitinha, sem saber para onde voltar, Leonardo foi até a Livraria da Travessa e ali teve a sorte de ver-se em meio a um lançamento de livro, mas, de maneira similar ao bar, não encontrou nenhum amigo entre os convidados, além de um ou outro conhecido de vista. A autora completamente estranha a Leonardo. Era seu primeiro livro. *Uma ode sobre essa cidade linda e esse povo gentil*, resumiu ela ao público antes de cantar “How insensitive” com uma taça de pinot blanc na mão.

O editor presente, da mesma casa que o publicou, foi simpático quando ele se apresentou como seu autor, apesar de a conversa não ter rendido muito. Buscou algum jornalista presente e perguntou por amigos em comum.

– Sim, o Ricardo Limeira trabalha comigo – disse um deles.

– Então. Fala de mim – respondeu Leonardo –, fala para ele responder ao meu email.

– Ok – concluiu a conversa, esquivando-se.

Depois de comer algum petisco e beber um pouco do vinho servido, Leonardo foi buscar seu próprio livro na loja e não o encontrou no catálogo.

– Quando isso acontece, é porque o livro foi retirado de circulação – disse o vendedor.

– Não é possível. Não dá para pedir mais?

Foi quando ouviu uma voz atrás de si.

– Cara, o que aconteceu?

Leonardo se voltou animado ao escutar uma voz conhecida.

– Lucas! Que bom te ver. Como você está?

– Como assim, cara?! – respondeu irritado. – Aliás, como mudou de roupa tão rápido?

– Quê? O que quer dizer?

– Como você chegou tão rápido aqui? Eu vim direto para cá.

– De onde?

– Como assim, de onde, porra? Do Restaurante do Beбето agora há pouco, não faz quinze minutos. Você, Luiz e Pascoal. Tá louco?

– Sim?! Sim, sim, claro... estava brincando. E eles ainda estão lá?

– Como vou saber, eu deixei vocês sozinhos depois de você ter me dito aquelas coisas horríveis na frente deles. Você deveria saber. Você está estranho mesmo, cara, o que aconteceu? Parece até que envelheceu no caminho. É o que dá se converter num babaca europeu.

Leonardo não estendeu a conversa, pediu desculpas e saiu rapidamente. No trajeto, constatou levar pouco dinheiro e ficou na dúvida se pegava um táxi para chegar logo ao restaurante em Ipanema ou tomava um trago no

caminho a pé. Ao parar no primeiro boteco para pedir uma dose de uísque, encontrou no balcão um escritor de pouca reputação com quem teve algum trato no passado.

– Você anda sumido, o que aconteceu?

– Estava viajando – disse Leonardo, virando o copo de uísque e pedindo outro.

– E quando voltou?

– Hoje. Quer tomar uma cerveja no Beбето para te contar o que está acontecendo?

– Claro! Por que não? E você ainda escreve pro jornal?

– Não. Tem outro no meu lugar agora. Tive uns problemas de saúde. Fiquei internado em um...

O homem já não escutava, concentrado em responder a uma mensagem em seu WhatsApp. Leonardo esperou por uns dois minutos.

– Desculpa, o que dizia?

– Se tomaríamos um chope no Beбето.

– Ah, não vou poder – disse o escritor –, tenho um jantar com meu agente. Agora estão adaptando o meu livro para o cinema. Me convidaram para vários encontros internacionais. Se voltar a escrever no jornal, me avisa, hein! – E deixou Leonardo sozinho com seu copo.

1

Da porta do Restaurante do Beбето, Leonardo viu os dois antigos amigos sentados, tal como descreveu Lucas, com aquele mesmo homem testemunhado antes

em fotos e vídeos e que, por semanas, vinha entrando secretamente em sua casa. Agora, pela primeira vez, o via claramente. Esperou por quase duas horas sentado na mureta de um edifício do outro lado da rua. Quando finalmente saíram do bar, se despediram e cada um dos três foi para seu lado.

Leonardo buscou à volta algum objeto, guardando uma pedra portuguesa solta no chão no bolso da calça, e seguiu o seu duplo em direção à praia. Já no calçadão da Vieira Souto, o outro desviou o trajeto em direção a Copacabana. Parecia bastante à vontade em sua vida de “Leonardo Pontevedra”, andando com desenvoltura por um local público sem medo de ser desmascarado pelo original.

Quando atravessavam uma faixa escura e pouco movimentada diante do Parque do Arpoador, o homem parou de repente. Leonardo também se deteve e buscou rapidamente com a cabeça onde se esconder. O homem deu meia-volta e veio em sua direção. Já não tinha para onde e por que fugir.

– Você está me seguindo, cara? – foi o que conseguiu perguntar Leonardo quando o homem parou diante dele.

– Na verdade, acho que é o contrário.

Olharam-se minuciosamente sob a penumbra e era como se fossem o reflexo um do outro.

– Quem é você? – perguntou Leonardo.

– Você sabe quem eu sou.

– Não, não sei.

– Realmente importa?

– Já que estamos tendo um problema de superlotação aqui, acho que sim. O que você estava dizendo aos meus amigos? Estava queimando o meu filme ou contando que estou indo viver definitivamente na Europa?

– Teoricamente, eu estou indo viver na Europa.

– Me explica isso. Estou curioso.

– Acho que você sabe exatamente a resposta a cada pergunta que faz.

– Gostaria de ouvir de você.

– Então, vou te dar uma resposta que serve para todas as suas perguntas: você também não gostaria de fazer o que estou fazendo? Não queria estar no meu lugar? Só estou fazendo o que tenho que fazer, cara, não tenho culpa se você tem o seu próprio caminho.

Leonardo suspirou:

– Como chegamos a isso? Por que você me escolheu?

O homem diante de Leonardo deu uma gargalhada, deixando-o sem reação.

– Escolher?! Você sabe que não é uma questão de escolha. Nosso problema – e falou a palavra “problema” com ênfase de aspas – não existiria se não decidíssemos seguir para lados diferentes.

– Você fala como se fôssemos a mesma pessoa.

– Bem, é verdade. Não somos a mesma pessoa, ontologicamente falando. Mas só surgimos um para

o outro a partir de, digamos, um conflito de objetivos. Na falta de uma palavra melhor, passei a chamar isso de “paralaxe”.

– Quê?!

– Ah, porra, não dá para explicar agora. Procura no Google.

– Cara, você é bem engraçadinho, né?! E agora anda por aí com meus amigos. Qual é a tua, hein, cara?

– Você realmente acha que eles são os *sens* amigos? Creio que não sejam nem meus. Mas eu nem me importo, na verdade. E acho que você não deveria se importar também. Você sabe, é um padrão que não muda: estão ao seu lado enquanto você pode oferecer algo. Então, de que serve tudo isso?

– Não preciso de você para decidir isso por mim.

– Você deveria me agradecer, se estivesse com a vantagem para aproveitar isso, claro. Eu estou fazendo o que você nunca teve coragem de fazer: me livrar do excesso. Algumas amizades é importante cultivar, como a de Luiz e Pascoal, que vão agenciar meu novo livro nos Estados Unidos. Já Lucas estava ali só para ver se tirava algum proveito. Foi fácil deixá-lo mal diante dos outros. Eu sei, eu sei, isso parece demais até para nós dois...

– Sim, Lucas não merecia.

– Vivemos em tempos cínicos. Acho que você sabe disso, não?

Leonardo deu de ombros e o homem diante de Leonardo continuou:

– Eu só quero o mesmo que você, pensa bem.

Leonardo pensou bem:

– Ser feliz?

– Ser lembrado.

– É... isso talvez seja mesmo importante – concordou sem muita convicção.

– E, olha – o homem pareceu recordar-se de algo de repente –, perdão pelo despacho. Era para ser uma brincadeira, sabe. Algo para você ter certeza de que eu era real e não uma viagem da sua cabeça. Afinal, não foi legal isso de você anunciar uma doença nossa e cancelar o Facebook. Foi a coisa mais sem noção que você já fez. E acabou me deixando sem ação. Enfim, tive que vir ao Brasil resolver as coisas pessoalmente. Mas, se eu soubesse o que ia acontecer, não tinha posto a torre Eiffel. Espero que as pregas estejam no lugar.

– Já viram melhores dias.

O homem diante de Leonardo deu um leve sorriso, correspondido por ele, distensionando um pouco a conversa.

– Posso te fazer uma pergunta? – disse Leonardo. O homem diante dele consentiu com a cabeça e ele prosseguiu: – Por que você não tentou ficar com Beatriz?

– Camarada, Beatriz não me interessa. Eu já estou em outro nível. Baronesa rica, você sabe. Você só está pensando nela ainda porque não encontrou ninguém melhor. Isso de namorar artista brasileira é muito terceiro-mundista.

Leonardo baixou a cabeça, tentando disfarçar seu incômodo e perguntou, quase engolindo as palavras:

– Eu sou um fracasso, não sou?

– Não, claro que não. Olhe aonde eu cheguei.

Ao ver o choro de Leonardo sair de súbito, o homem mudou de tom:

– Não pense que eu te compreendo como se fôssemos apenas duas versões da mesma coisa, meu amigo. Compreendo você realmente. Somos o mesmo, ainda que você não queira ver. Somos niilistas e ser niilista é pior que ser ateu. O ateu ainda crê na indubitabilidade da verdade, mesmo que esteja na negação de um deus. Para nós, niilistas, nem a verdade pode redimir, porque a única verdade é que não há verdades.

– Talvez o maior problema de ser um niilista – disse Leonardo, quase como se continuasse o raciocínio do seu interlocutor – é que no momento do sufoco não temos nenhum deus a quem possamos rezar.

– A verdadeira ausência do deus.

– E se essa ausência for em si o próprio deus, aquele que todos procuram...

– ... e que nunca encontrarão porque procuram no lugar errado?!

Leonardo colocou a mão no bolso e lembrou-se da pedra portuguesa. O homem diante de Leonardo intuitivamente levou também a mão ao bolso. Ficaram se olhando em silêncio por um tempo, à espera de uma resolução qualquer. Foi Leonardo quem rompeu o silêncio.

– Agora que nos conhecemos, o que fazemos?

– Você sabe o que tenho que fazer... – disse o homem diante de Leonardo.

– Não tem outro jeito?

Leonardo sequer esperou a resposta. Desferiu um golpe com a pedra na cabeça do homem, que cambaleou dois passos para trás e caiu sentado sobre uma das pernas. Enchendo-se de remorso, Leonardo se aproximou do homem diante dele, pedindo desculpas e, ao tentar ajudá-lo, ainda com a pedra na mão, viu a faca de carne brilhar em sua direção.

0

Pouco antes de um dos dois cair ao chão, morto, Leonardo pensa: e se Afrânio tem razão? E se meu avô alterou seu destino? Ou pior, vendeu seu destino, covarde que era, como me vendeu para livrar-se do algoz. Se for isso, meu destino também terá sido alterado. O tempo não é fluxo, é partícula fragmentária deslizando simultânea em muitas direções. Ele dá encaixe às coisas e cada ser está nele de maneiras distintas, mas um só ser poderia habitar dois espaços no tempo? E se todo o vivido até aqui foi a versão errada da minha vida, uma aberração, sendo eu apenas o falso de mim mesmo, perdido em algum lugar intermédio, enquanto o verdadeiro é este outro homem diante de mim. Minha piada sobre a residência na Sorbonne não terá sido mais falsa que minha vida real. De alguma maneira, minhas ficções parecem relacionadas: a ficção de

um Leonardo virtual em Paris, criada por um Leonardo que é uma ficção como escritor, criada por um Leonardo sob risco de ser uma ficção como existente. Uma imagem dentro de uma imagem dentro de uma imagem. A forma como traí minhas crenças em nome do êxito por não aceitar um futuro fracassado na periferia pode ter forçado esse falso eu, criando-me de restos de memórias soltas agregadas à casa do meu avô e àquele bairro em Meriti. Um fantasma de mim mesmo vagando pela cidade, falso o suficiente para sentir a vida sendo vivida fora de mim. Ou talvez, quem sabe, em algum momento, eu tenha forçado a criação de dois destinos conflituosos competindo entre si, um empurrando o outro para fora da existência, onde eu finalmente ocupo o lugar que me foi designado e de onde sempre fugi. Minha condição existencial será afinal indissociável de minha condição social, acorrentando-me ao destino propiciado por meu avô antes de eu nascer. Será mesmo que um simples ato pode dar defeito na existência?

-1

Nessa mesma noite, um deles subirá as escadas do sobrado na rua Assia Tanus Bedran, nº 98, no Centro de São João de Meriti, puxando pelos degraus uma marreta de obras.

– Que sangue é esse? Você está bem, bicho? – perguntará Simão da porta.

– Melhor do que nunca.

– Para que isso? – falará apontando para a marreta.

– Vai ter obra aqui em casa.

Após fechar a porta do apartamento, já sem sinal de Joyce, ele começará a arrebentar a parede da sala. Pedregulho a pedregulho, o reboco cederá aos tijolos por debaixo dele e, aos poucos, uma imagem começará a se desenhar, por entre a alvenaria vermelha, seu contorno negro em alto relevo. Uma figura não de pedra, mas de carne embalsamada. Uma carcaça enorme, colocada com esmero durante a montagem da laje de forma a ocupar o seu equivalente em parede, tomando toda a extensão ocidental da sala. A esfinge ali por anos, sob o cimento, durante a vida e o sono do avô, à espera de alguém, e que poderia ter estado ali desde a formação geológica do continente. Ao terminar, ele arrastará a poltrona e, como um deus submetido a outro, se sentará voltado para a besta conservada por taxidermia e cujo flanco brilhará em diversos tons de trevas sob a poeira.

Um cavalo emparedado.

Este livro foi composto em Garamond corpo 12
e impresso sobre papel pólen bold 90g/m²
pela gráfica Bartira
para a Confraria do Vento, em outubro de 2016.